

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ENGENHARIA DA PRODUÇÃO

LILIAN MOREIRA GARCIA

**A DEFICIÊNCIA NA ACESSIBILIDADE E DESENVOLVIMENTO DO
SURDO NA UNIVERSIDADE**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

FLORIANÓPOLIS-SC
2002

LILIAN MOREIRA GARCIA

**A DEFICIÊNCIA NA ACESSIBILIDADE E DESENVOLVIMENTO DO SURDO NA
UNIVERSIDADE**

DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ENGENHARIA DA PRODUÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA COMO REQUISITO PARCIAL PARA OBTENÇÃO DO
GRAU DE MESTRE EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO

ORIENTADOR: PROF. ALEJANDRO MARTINS RODRIGUES, DR.

FLORIANÓPOLIS
2002

LILIAN MOREIRA GARCIA

**A DEFICIÊNCIA NA ACESSIBILIDADE E DESENVOLVIMENTO DO
SURDO NA UNIVERSIDADE**

ESTA DISSERTAÇÃO FOI JULGADA E APROVADA PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE **MESTRE
EM ENGENHARIA DA PRODUÇÃO NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ENGENHARIA DA PRODUÇÃO** DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS, 20 DE DEZEMBRO DE 2002

PROF. EDSON PACHECO PALADINI, DR.
COORDENADOR DO CURSO

BANCA EXAMINADORA

Prof. Lúcia Helena Martins Pacheco, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Alejandro M. Rodrigues, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina
Orientador

Prof. Janae Gonçalves Martins, Dra.
Universidade do Vale do Itajaí

DEDICATÓRIA

Para você Cristóvão e para você Anna Paula.

Pelo apoio no momento certo, pela paciência demonstrada, pelos beijos e pelos abraços, pelas idas a Florianópolis, pelas demonstrações de carinho e de amor,

Muito, muito, muiiiito obrigada

amo vocês

Lilian

AGRADECIMENTOS

Aos meus amigos do DAELT, pelo apoio.

A Denize pela revisão, ao Marcelo por me pressionar, à Rosana pelo apoio
“didático”.

Em especial ao meu amigo Pinho por assumir minhas aulas quando precisei, mas
principalmente obrigada por acreditar.

A Janae G. Martins, pela troca de idéias, pelas correções, pelas caronas, por
compartilhar sua família.

A Jozélia Duarte B. P. Ribas, do Instituto de Educação por ajudar a “traçar o
caminho”, por compartilhar sua experiência seu conhecimento, pelo seu tempo e sua
atenção.

Aos entrevistados e suas famílias, pelo carinho com que me receberam, pelo apoio e
boa vontade.

Ao Guilherme e a dona Otilia por ter me dado a honra e o prazer de conhecê-los,
que Deus os abençoe.

AOS SURDOS

Este trabalho me deu a satisfação do contato com pessoas maravilhosas, que ao nascerem fizeram um trato com seu anjo, trocaram a audição por um sorriso limpo um coração aberto e um brilho de esperança no olhar. Me sinto feliz ao lembrar do sorriso de cada um de vocês. Obrigada pelo presente.

Lilian

RESUMO

Garcia, Lilian Moreira. **A Deficiência Na Acessibilidade E Desenvolvimento Do Surdo Na Universidade**. 2002.125f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis.

Este trabalho reúne em um único documento as abordagens pedagógicas utilizadas na educação do surdo

O estudo se inicia através da indução do pesquisador a entender o significado da ação educativa, o que é a educação? Ao se chegar a uma definição própria, particular, deve-se perguntar:

Este objetivo, quando se trata do surdo, esta sendo alcançado de maneira satisfatória?.

Ao se analisar os dados estatísticos oficiais, a resposta é não.

Faz-se uma coletânea, resumida, sobre as técnicas de ensino utilizadas em nossas escolas de primeiro, segundo e terceiro graus.

“Viaja-se” através do behaviorismo de Skinner ao construtivismo de Piaget, da estimulação do comportamento a motivação ao aprendizado, até chegarmos a Guillon, Mirshawka ,que define a maneira como se aprende, e finalmente Gardner com a “Teoria das Inteligências Múltiplas”.

No capítulo seguinte apresenta-se a história dos surdos, onde retrata-se o preconceito sofrido, e o seu avanço através dos séculos.

Inicia-se uma coletânea a respeito das técnicas/metodologias pedagógicas utilizadas na alfabetização do deficiente auditivo, apontou-se que o bilingüismo como a corrente mais aceita na atualidade.

Continuando os estudos, escolhe-se o universo a ser “explorado”. Os surdos inseridos nas universidades da região metropolitana de Curitiba.

Na análise dos dados, obtidos a partir dos estudos de caso, comprova-se a característica visual para aprendizagem, como se preconiza, porém observa-se em alguns casos uma diferença percentual pequena quanto a característica cinestésica.

Baseado nestes dados, são apresentadas idéias, relativas a educação do surdo, tais como: comportamento do professor, educação a distância, confecção das aulas utilizando diferentes técnicas, procurando trabalhar as diferentes inteligências com vistas a acelerar o processo de adaptação do surdo no sistema educacional.

PALAVRAS – CHAVE: SURDO, EDUCAÇÃO, ENSINO, AUDITIVO, EDUCAÇÃO ESPECIAL.

ABSTRACT

Garcia, Lilian Moreira. **A Deficiência Na Acessibilidade E Desenvolvimento Do Surdo Na Universidade**. 2002. 125f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis.

This work congregated in a unique document the pedagogical approach used in the education of the deaf person.

The study it initiates through the induction of the researcher to understand the meaning of the educative action, what it is the education? To arrive at a proper definition, particular, it must be asked:

This objective, when is about the deaf person, this being reached in a satisfactory way?

To analysing the official statistics data, the answer it is not.

Make it a collected, summarised, about the used techniques of education in our schools of first, second and third degrees.

"It is travelled" through the behaviourism of Skinner to the construtivism of Piaget, of the stimulation of the behavior the motivation to the learning, until arriving the Guillon, Mirshawka and Gardner with the theory of the "Multiples Inteligences", making possible the creation of new theories with sights the education of the deaf person.

In the next chapter is presented a deaf person history, where it portraies the preconception suffered for the deaf person, and its advance through the centuries.

Begining the study regarding the technicals/pedagogical methodologies used in the study of the deaf person.

Extending our studies, choose the desired universe is the inserted deaf people in university of the Curitiba metropolitan area.

In the analyzes of the data, to prove the characteristic visual for the learning, as it is praised, to put observes in some cases a small percentile difference to the characteristic kinesthetic.

Based in these data, ideas are presented, relative for the education of the deaf person, such as: the teacher behavior, learning education, making off the lessons using diferents thecnicals, looking for work with difrentes types of inteligences with view to acelerated the process of adaptation the deaf person in the educacional system.

KEY – WORD: DEAF, EDUCATION, AUDITIVE, TEACH, SPECIAL EDUCATION.

SUMÁRIO

	PÁG.
Lista de Figuras	
Lista de Tabelas	
Lista de Quadros	
1 INTRODUÇÃO	p.13
1 1 Desenvolvimento	p.14
1 2 Identificando o problema	p.15
1 3 Justificativa	p.17
1 4 Objetivo do trabalho	p.17
1.4.1 Objetivo geral	p.18
1.4.2. Objetivo específico	p.18
1 6 Metodologia	p.20
1 5 Síntese Do Capítulo	p.20
2 PARADIGMAS DA EDUCAÇÃO	p.21
2 1 O que é educar	p.22
2 2 Teorias sobre aprendizagem	p.24
2 2 1. Uma visão holística a respeito das teorias de aprendizagem mais aceitas	p.24
2 3 Predispondo o indivíduo a aprender	p.27
2 3 1 Tipos de aprendizagem	p.27
2 3 2 Etapas do processo de aprendizagem	p.28
2 3 3 Motivação para a aprendizagem	p.29
2 4 Fatores que influenciam como uma pessoa aprende segundo Guillon e Mirshawka	p.31
2 4 1 Características individuais de como se aprende	p.33
2 5 Os tipos de inteligência focando o aprender, baseado nos estudos de Gardner	p.35
2 6 Resumo	p.45
3 ENSINO DE DEFICIENTES AUDITIVOS	p.47
3 1 Histórico	p.47
3 1 1 Histórico no Brasil	p.50
3 2 A surdez	p.51
3 3 A Importância da linguagem	p.54
33 1 Analisando a linguagem do surdo	p.54
3 4 Abordagens pedagógicas	p.58
3 5 Síntese do capítulo	p.68
4 FALANDO COM O SURDO: “UM ESTUDO DE CASO”	p.70
4.1. Perfil dos entrevistados	p.70
4.2. Coleta de dados	p.71
4.2.1. Procedimento	p.72
4.3. Análise dos dados obtidos	p.78
4.3.1. Resultado da pesquisa	p.78
4.4. Comentando o conteúdo dos relatos	p.84
4.5. O aluno surdo e seu direito a igualdade de tratamento	p.85

4.6. Proposta de alternativas metodológicas.....	p.86
4.6.1. Ensino a distância para portadores de surdez.....	p.86
4.6.2. Treinar professores.....	p.85
4.6.3. Estratégias de ensino.....	p.87
4.7. Síntese do capítulo.....	p.89
5 CONCLUSÕES E FUTUROS TRABALHOS	p.91
5 1 Conclusões.....	p.91
5 2 Recomendações Para Futuros Trabalhos.....	p.92
REFERÊNCIAS	p.95
APENDICE A – Questionário.....	p.103
APENDICE B – Entrevista.....	p.106
APENDICE C – Universidades consultadas.....	p.107

FIGURAS

Figura 1: Raciocínio Utilizado Na Confeção Deste Capítulo.....	p.21
Figura 2: Demonstra O Estilo De Aprendizagem De Cada Indivíduo, Sua Sobreposição Indica Que As Pessoas Podem Possuir Mais De Uma Característica, Ao Mesmo Tempo.....	p.32
Figura 3: Representação Da Amostra Dentro Do Universo Considerado....	p.72
Figura 4: Matrículas Da Educação Especial Por Modalidade De Atendimento	p.73
Figura 5: Matrículas Da Educação Especial Por Rede De Ensino	p.73
Figura 6: Matrícula Da Educação Especial Por Modalidade De Atendimento	p.74
Figura 7: Matrícula Da Educação Especial Por Nível De Ensino	p.74
Figura 8: Matrícula Da Educação Especial Por Tipo De Necessidade Especial	p.75
Figura 9: Evolução Da Matrícula Da Educação Especial	p.76
Figura 10: Percentual Da Matrícula Por Rede De Ensino.....	p.77
Figura 11: Representação Das Características Apontadas Por Guillon E Mirshawka.....	p.79
Figura 12: Primeiro Entrevistado	p.79
Figura 13: Segundo Entrevistado	p.80
Figura 14: Terceiro Entrevistado	p.80
Figura 15: Quarto Entrevistado	p.81
Figura 16: Quinto Entrevistado	p.81

Tabelas

Tabela 1: Alunos com necessidades especiais por tipo de deficiência.....p.75

Tabela 2: Distribuição por rede de ensino dos alunos com necessidades especiais p.76

QUADROS

Quadro 1: Características Das Pessoas Quanto A Sua Melhor Modalidade Para O Aprendizado.....p.66

Quadro 2: Níveis De Perda Auditiva E Implicações Na Educação.....p.51

CAPÍTULO 1 INTRODUÇÃO

Preparar o homem, dar-lhe ferramentas para a busca e a conquista da felicidade é o objetivo do educador.

A educação tem como característica principal, sua estreita relação com a sociedade em seus mais amplos aspectos, tendo, como principal e mais importante função a de preparar o homem para engajar-se adequadamente à sociedade em que vive.

A educação é o que possibilita o ajustamento do indivíduo na sociedade, ou ainda, é o que lhe possibilita a tornar-se um cidadão.

Educar é colaborar para que professores e alunos, nas escolas e organizações, transformem suas vidas em processos permanentes de aprendizagem. É ajudar os alunos na construção de sua identidade, do seu caminho pessoal e profissional, do seu projeto de vida, no desenvolvimento das habilidades de compreensão, emoção, e comunicação que lhes permitam encontrar seus espaços pessoais, sociais e de trabalho e tornar-se cidadãos realizados e produtivos (MORAN, 1999, p.33).

Do ponto de vista de Freire (1987) podemos entender a educação como uma forma direta de intervir no mundo.

A ciência determinou que o homem sofre influência genética e também sofre influência do meio em que vive. Tanto as características genéticas quanto o meio em que vivemos mudam através dos tempos, assim a arte de ensinar deve se acomodar ao “novo” homem.

Novamente citando Freire “...o homem vive, age e convive em sociedade, não é um ser isolado, participa de um processo onde influencia e é influenciado pelo grupo pela sociedade, pela cultura...” (FREIRE, 1987, p.75).

O conceito de educação como ferramenta formal na profissionalização do indivíduo, sendo utilizada como meio de capacitá-los para se adaptar a uma sociedade em constante mudança e globalizada, é o que está levando instituições de ensino a buscar alternativas na forma de ensinar e de capacitar seus alunos para atuarem de maneira satisfatória no mercado mundial.

Esta procura por novas alternativas pedagógicas está criando uma universidade mais democrática, mais pluralista, possibilitando o acesso de alunos especiais, exigência dos novos tempos.

1.1. Desenvolvimento

No segundo capítulo deste estudo abordam-se as práticas pedagógicas mais utilizadas no ensino de primeiro e de segundo graus. Introduzimos os estudos de Guillon e Mirshawka (1994) que determinam através das características particulares de cada indivíduo, como se aprende. Esta informação poderá ser utilizada na procura e adoção de técnicas pedagógicas apropriadas visando facilitar o aprendizado do deficiente auditivo.

Em seguida aborda-se o conceito de Gardner (1994) e suas diferentes inteligências, uma ferramenta a mais de auxílio à educação, em geral.

No capítulo três estudamos a importância da linguagem, a utilização da língua de sinais como um idioma próprio dos surdos e as abordagens pedagógicas empregadas na alfabetização do surdo.

No capítulo quatro apresentam-se as pesquisas obtidas junto ao Ministério da Educação, fornecendo os dados relativos a educação especial.

No intuito de traçar o perfil do estudante fornecemos o resultado do questionário e da entrevista feita com os alunos, buscando determinar, através de um estudo de caso, a maneira de aprender dos surdos que estão cursando o terceiro grau e através do resultado obtido e das conclusões encontradas, possibilitar ao educador auxiliar o estudante surdo na assimilação das informações. O resultado obtido é apresentado por meio gráficos.

No capítulo 5 são apresentadas as conclusões e propostas para futuros trabalhos.

1.2 Identificando o Problema

Abaixo transcrevo um texto feito por um estudante universitário, portador de surdez.

Atualmente ,na universidade Tuiuti do Paraná, onde eu estudo, os professores tratam muito bem, e alguns alunos também. Mas outras universidade, alguns professores e alunos tratam muito mal.

Tem alguns professores esqueçam de mim quando eles falam rápido, vira as costas e escrever na lousa, movimento muito rápido...(ALUNO SURDO DO TERCEIRO GRAU, um dos entrevistados, 2002)

Este exemplo demonstra o problema lingüístico e de aprendizado apresentado pelo surdo.

A restrição do surdo está na recepção de input "oral auditivo", sendo que o mais percebido é o lingüístico.

O problema lingüístico, situa os alunos surdos na mesma categoria de pessoas estrangeiras, sendo que um estrangeiro pode vir a dominar o idioma do outro país em menor tempo e freqüentar a escola regular. Ao passo que o surdo demora mais para conseguir isto.

Devido a esta característica, ser surdo, o portador de surdez compete de maneira desigual frente aos ouvintes, quanto ao acesso à universidade através de vestibular, ao ensino em sala de aula e a escolha da sua profissão.

Desde a constituição de 1934, é assegurado a todos o direito à educação, porém ainda hoje isto está distante da realidade.

Observa-se que o número de alunos surdos no segundo grau é significativo quando comparados aos do terceiro grau.(Figura 7)

Segundo o Ministério da Educação os levantamentos estatísticos, falham na medida em que não fornecem dados sobre o número de alunos que concluem o segundo grau e o número daqueles que ingressaram no nível superior, ver (Anexo A)

O Ministério da Justiça com o reconhecimento da língua de sinais como um "sistema lingüístico de comunicação gestual-visual, com estrutura gramatical

própria”(Anexo B) da subsídios para que o surdo “lute”, junto as instituições de ensino, garantindo-lhes uma maneira mais eficiente de comunicação.

Em uma época em que se fala tanto em globalização, em que são feitas novas propostas para a minimização do problema do surdo, a informática se apresenta como alternativa (Anexo D). Sendo assim, é importante ressaltar que a maioria de nossas escolas de segundo e de terceiro graus está muito distante desta alternativa de apoio, e que devido a fatores financeiros, não tem acesso a informatização .

Também cabe ao surdo o direito a ser avaliado em banca especial, no processo do vestibular, a correção da prova de português deverá ser diferenciada, segundo recomendação ministerial (Anexo A).

Sugere-se assim como na Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio) que a valorização do aprendizado do surdo na Educação Superior, ocorra de forma mais centrada nos conhecimentos adquiridos do que na forma como demonstra seu saber.

No vestibular, e no próprio curso superior, ao se avaliar o candidato surdo, deve-se considerar os aspectos semânticos do conhecimento, preponderantemente sobre os aspectos formais da Língua Portuguesa, conforme recomenda o aviso-circular 277/96, do Excelentíssimo Senhor Ministro de Estado da Educação e do Desporto. (Anexo A)

Os educadores e técnicos em educação observam que os mais “alienados” no processo educacional são os surdos. Deste ponto de vista, será que o surdo é menos capaz que os demais portadores de deficiências?

As teorias sobre educação nos mostram que todos somos capazes de aprender, e a partir do momento que o indivíduo toma consciência das suas características individuais e de suas habilidades pessoais, passa a ter um melhor desenvolvimento durante a transmissão e absorção dos conhecimentos.

1.3 Justificativa

Os dados estatísticos não são precisos, não são feitos registros por regiões do país, é nos fornecida uma idéia global, mesmo assim pode-se observar o pequeno número de surdos no terceiro grau. Aonde estão os estudantes que estavam no

segundo grau? A conclusão a que chegamos é que não conseguem passar no vestibular.

Sugere-se que, assim como na Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio), que a valorização do aprendizado do surdo na Educação Superior, ocorra de forma mais centrada nos conhecimentos adquiridos do que na forma como demonstra seu saber. No vestibular, e no próprio curso superior, ao se avaliar o candidato surdo, deve-se considerar os aspectos semânticos do conhecimento, preponderantemente sobre os aspectos formais da Língua Portuguesa (Anexo A).

O Ministério da Educação recomenda que as instituições de ensino que possuem surdos em seu quadro discente, possuam um intérprete para auxiliar este aluno. Muitas vezes isto não é possível devido a falta de profissional habilitado. A disponibilidade do professor em aprender a trabalhar com o surdo, estaria justificada se sempre houvessem portadores de surdez nas salas de aula, forma-se então um círculo aonde o professor não consegue ensinar, e o aluno surdo, que conseguiu o acesso a universidade, tem dificuldade em aprender.

Sabe-se que seu aprendizado será mais eficaz se você souber da sua capacidade de aprender e, tiver um conhecimento de si mesmo. Depende de seu interesse pelo assunto e por aquilo que quer aprender. Aprender é resolver problemas, aprender é entender é poder criar novas tecnologias, aprender é usar do conhecimento adquirido para proceder uma mudança significativa na maneira de ser do indivíduo.

Segundo Ribeiro (1998), lembrar sempre que diferentes pessoas tem diferentes interesses e preferências de como aprender, sendo assim os educadores poderão vir a entender melhor o processo de aprendizagem do indivíduo. Isso ocorre muitas vezes, não porque o educador “quer” ou porque ele executou seu trabalho com maestria, é, porque o aprendiz desenvolveu-se o suficiente para a assimilação de tais conteúdos.

Novas teorias educacionais são desenvolvidas constantemente e é preciso estudá-las e adaptá-las ao ensino do deficiente auditivo, dentro das instituições de Ensino Superior. Existe toda uma polêmica quanto a utilização dos termos “surdo” e “deficiente auditivo”, não entrarei aqui em nenhuma discussão, pois foge ao escopo do trabalho. Utiliza-se neste trabalho o termo surdo e algumas vezes o termo deficiente auditivo.

1.4 Objetivo do trabalho

1.4.1 OBJETIVO GERAL

Determinar as características de aprendizagem do surdo, investigando os problemas encontrados até o acesso ao terceiro grau. E a partir do estudo feito pelo “caminho” auxiliar tanto o portador de surdez quanto o educador em seu objetivo, propondo alternativas metodológicas no processo ensino/aprendizagem.

1.4.2 OBJETIVO ESPECÍFICO

Reunir em um único documento as técnicas de ensino e abordagens pedagógicas utilizadas na alfabetização do surdo.

Através de estudo de casos coletar junto aos estudantes surdos e seus familiares, dados que possibilitem a identificação dos problemas sofridos no ambiente universitário.

Analisar as informações obtidas, e através dos pontos comuns, propor ações, que possibilitem a solução dos problemas apresentados pelo surdo, no terceiro grau.

Compartilhar e fornecer ao profissional alguns subsídios que possibilitem o desenvolvimento de técnicas de ensino-aprendizagem mais eficientes, visando uma integração no ambiente universitário de maneira mais eficaz, satisfazendo assim a determinação do ministério da educação, a vontade dos pais e dos próprios surdos.

Propor alternativas educacionais, possibilitando o aprimoramento profissional do surdo.

Propor o treinamento de professores, sem a utilização de língua de sinais, para trabalhar com o deficiente auditivo no ensino superior.

1.5 Limitações

As limitações quanto a amostra foram sentidas impedindo-se assim que o trabalho fosse tratado estatisticamente. Não se conseguiu um universo maior, pois inexistem dados estatísticos quanto ao número de estudantes surdos cursando o terceiro grau. na região metropolitana de Curitiba. Desta maneira abordamos o problema através de estudos de caso.

Outra limitação, e esta no início do estudo não era esperada, foi a escassa bibliografia, as maiores fontes de pesquisa foram *sites* específicos, revistas especializadas, e algumas teses, não específicas, porém relacionadas.

A demora nas respostas quanto a dados estatísticos solicitados. dificultou o andamento da dissertação.

Em que pesem estas limitações, o resultado do presente estudo é um documento onde estão reunidos em uma só fonte de pesquisa, metodologias de ensino aplicadas na educação do surdo, relatos feitos por alunos surdos que estão, no presente, estudando em universidades de Curitiba, e recomendações que poderão vir a minimizar a dificuldade encontrada pelos surdos e por seus professores em sala de aula.

Deve-se também deixar registrado da boa aceitação por parte, tanto dos entrevistados quanto de sua família, pois não estão acostumados a serem ouvidos e terem suas opiniões respeitadas, quando o trabalho efetuado se relaciona diretamente a eles (surdos). Vislumbra-se a partir deste documento uma alternativa quanto ao comportamento do professor que não sabe língua de sinais, também recomenda-se uma nova postura das universidades quanto a forma de acesso do surdo ao seu quadro discente, fazendo com que o professor possa ter contato com alunos surdos durante semestres seguidos (idéia dos entrevistados).

1.6 Metodologia

Coube ao pesquisador optar por uma pesquisa descritiva.

Os dados foram coletados através de entrevistas individuais junto aos surdos e suas famílias. Transcreveu-se, suas opiniões a respeito do sistema educacional empregado, e também considera-se os dados fornecidos pelas mães quanto a aptidão demonstrada quando crianças.

Faz-se uma pesquisa junto a instituições de ensino superior, o universo pretendido está limitado a região de Curitiba, Paraná. Procura-se determinar o número de deficientes auditivos que freqüentam estas instituições,

Confeccionou-se um questionário para determinar se os mesmos apresentavam características cinestésicas, visuais ou auditivas, baseado nos estudos de Guillon e Mirshawka(1994) e fiéis aos autores.

1.7 Síntese do Capítulo

Procura-se neste capítulo traçar o caminho a ser seguido, utilizando-o como uma reflexão para que o objetivo traçado seja alcançado de maneira ordenada e satisfatória.

Após planejarmos seu desenvolvimento, através da enumeração do que seria abordado nos cinco capítulos desta dissertação, lança-se o olhar sobre o,problema da surdez, e o que esta sendo feito para minimizá-lo. Finalmente traça-se o objetivo a ser alcançado, e procede-se assim o estudo.

CAPÍTULO 2 PARADIGMAS DA EDUCAÇÃO

Neste capítulo abordam-se as principais concepções de como educar e de como aprender. Iniciaremos a partir de uma visão holística da educação, apresentando definições rápidas as teorias desenvolvidas e seus mentores, para logo após passarmos a teorias mais modernas sobre a maneira de aprender e sobre os diversos tipos de inteligências, com a preocupação de compreendermos os processos que envolvem o conhecimento/aprendizagem.

Este tópico nos fornece uma visão a respeito dos métodos empregados na educação de qualquer pessoa, surda ou não, em classes comuns.

Uma das linhas de trabalho do governo esta direcionada na inclusão do surdo em escolas da rede pública de ensino, juntamente com e uma educação especial, sendo esta fora da escola, feita por profissionais especializados.. Sendo esta a politica educacional vivida pelo surdo, justifica-se uma pesquisa quanto as técnicas/ métodos empregados na sua educação.

A figura 1 representa o raciocínio envolvido na confecção deste capítulo.

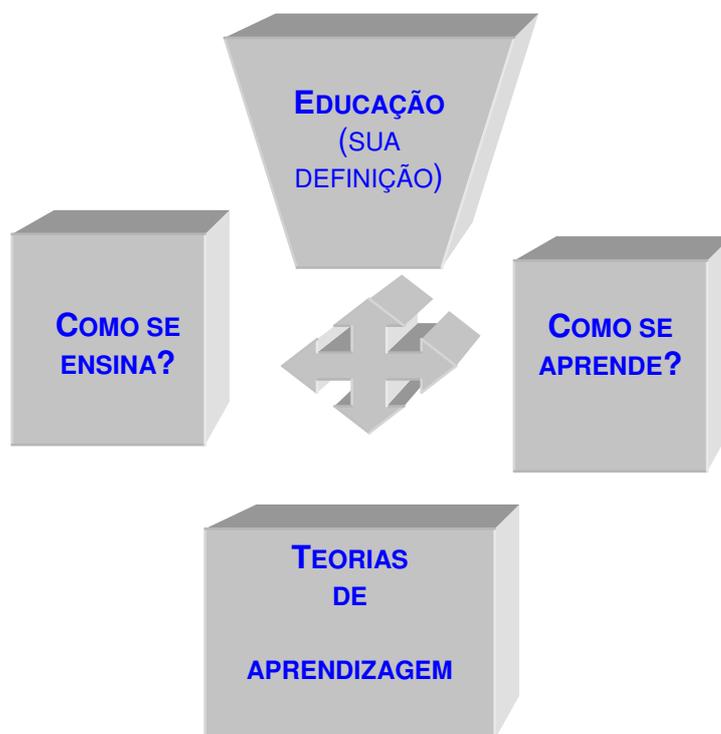


Figura 1: Raciocínio Utilizado Na Confecção Deste Capítulo.

Fonte: Própria

2.1 O Que É Educar

Procurei entre os latinos, as origens do verbo educar. Fui a alguns autores e verifiquei que em Cícero, educar significa aumentar, criar, sustentar. Vi que em Virgílio, o poeta, educar é instruir, ensinar. E vi que no poeta Ovídio, educar é gerar.(RIBEIRO, 1998, p.136)

Talvez educar seja o somatório de todas estas definições, conforme o contexto em que se define educar, se a referência for a família educar possivelmente seja, criar, sustentar, ensinar; se por outro lado a referência for a escola, o significado poderia ser instruir, gerar, aumentar. Porém, independente de qualquer definição, quando nos referimos a educação sempre a associamos como meio de obtenção do crescimento pessoal do homem, e que este “meio” propicia ao homem a adaptação na sociedade em que vive.

Segundo Landin (1997) o processo ensino aprendizagem objetiva “levar” o aluno “a aprender a aprender” fazendo com que o aluno participe de maneira efetiva de seu crescimento.

Não é possível desvincular desenvolvimento de educação, são mais que palavras são “atitudes” que fazem parte da história de qualquer sociedade em busca de evolução. Estão interligadas pois não há desenvolvimento sem educação.

A educação é a ação que permite, a um ser humano, desenvolver suas aptidões físicas e intelectuais, assim como seus sentimentos sociais, estéticos e morais, com o fim de cumprir, tanto quanto possível sua tarefa de homem, e também, o resultado desta ação (REBOUL, 1988, p.8).

Devido a globalização temos um estreitamento cultural e educacional entre os países. Partindo desse prisma, as universidades fazem um papel primordial na educação profissional daqueles que atuarão nesta nova sociedade.

Paviane (1990, p.29) nos diz que a ação educativa deve “criar condições que permitam ao homem e a população identificar os problemas e buscar as soluções mais adequadas”.

As principais responsáveis pelo desenvolvimento de habilidades profissionais e empregabilidade do povo de um país são as Universidades (Masetto, 1990).

Quando nos referimos a educação, estamos também nos referindo a ação de educar, o ensino.

O dicionário da língua portuguesa (MINI-AURÉLIO SÉCULO XX, 2001, p.270) traz como sinônimo para a palavra ensinar:

1– ministrar o ensino de; lecionar. 2– transmitir conhecimento a, instruir. 3– adestrar.

Observe que todos os sinônimos fazem analogia ao processo de ensinar, e ao seu agente no processo de ensino, o professor.

Durante muito tempo o professor foi visto como fonte do saber, não como um mediador no processo da aprendizagem. O professor fez o papel do “educador-ensino”, sempre reforçado pela atitude passiva do próprio aluno, que só queria ser ensinado e guiado na sua escolha profissional.

O processo educacional durante muito tempo, teve como foco o papel do educador-ensino, que foi reforçado pela postura dos próprios alunos, que ingressam com expectativas passivas de “serem ensinados” pelos “grandes mestres e especialistas” nos assuntos relacionados a profissão que escolheram, dando pouquíssima importância na subjetividade da aprendizagem envolvida (ABREU, 1990, p.56).

Com o passar do tempo esta atitude passiva do só receber, mudou. Passou a haver uma troca entre professor e aluno e com isto um estímulo de ambas as partes na obtenção e aplicabilidade do conhecimento.

Essa interação entre professor aluno, na sala de aula, se dá exatamente como consequência dos procedimentos planejados pelo professor e que proporcionam a realização das modificações pretendidas no comportamento do aluno.(TURRA, 1982, p.4 6).

O homem é um ser em constante mudança, o educar-se é uma forma de comprometimento com a realidade em que vivemos, e com a incessante mudança do mundo. A educação não é privilégio de alguns, é antes de tudo um comprometimento de todo indivíduo.

A Declaração dos Direitos do Homem preconiza, que toda pessoa tem direito a educação, o ensino fundamental deve ser gratuito, o elementar é obrigatório, e o ensino superior deverá ser possibilitado a todos com igualdade

A educação faz do homem um ser consciente da sua importância na sociedade, a partir desta consciência a educação torna-se então libertadora, nos coloca diante da criação e de suas possibilidades, nos fornece a chave para o auto conhecimento e para nossa realização pessoal.

2.2 Teorias Sobre Aprendizagem

Não se chegou a um consenso quanto a questão, sobre o que deveria ser relevante no processo de aprendizagem. Sabe-se apenas que ninguém aprende porque outra pessoa quer.

Aprendemos durante toda a nossa existência, acertando ou errando, muitas vezes de maneira consciente outras vezes não, até hoje os psicólogos não chegaram a um acordo sobre o que deve ser levado em consideração no processo da aprendizagem.

Educamos de verdade quando aprendemos com cada coisa pessoa ou idéia que vemos, ouvimos, sentimos, tocamos, experimentamos, lemos, compartilhamos e sonhamos; quando aprendemos em todos os espaços em que vivemos, na família, na escola, no lazer (MORAN, 1999, p.110).

2.2.1 Uma visão holística a respeito das teorias de aprendizagem mais aceitas.

1- Em 1914, Watson publica o “Manifesto Behaviorista” onde estabelece o estudo no modo como o indivíduo se comporta, sendo este o objeto de seus postulados. A importância deste manifesto é que contribui no estabelecimento de respostas frente a estímulos. Suas bases filosóficas são o positivismo (somente o observável), o pragmatismo (produz conhecimento útil aplicável).

O nome behaviorismo, vem da palavra inglesa *behavior* ou seja comportamento. Em 1904 Pavlov recebe o prêmio nobel de medicina por seus estudos sobre a atividade digestiva dos cães aonde formula o conceito do reflexo condicionado.

O Behaviorismo radical surge com B. F. Skinner, segundo esta teoria o aprendizado é feito a partir de associações, o indivíduo aprenderia através de um estímulo (um evento que afeta os sentidos do indivíduo), uma resposta, e de um reforço positivo ou negativo.

(...) A estimulação que se origina no interior do corpo representa papel importante no comportamento (...) No sentido em que dizemos estar uma pessoa consciente daquilo que a cerca, ela tem consciência dos estados ou acontecimentos de seu corpo; está sob o controle deles enquanto estímulos (...) Neste sentido especial, a consciência ou percepção é um produto social (...). O mundo físico gera tanto a ação quanto as condições físicas no interior do corpo às quais uma pessoa responde quando uma comunidade verbal organiza as contingências necessárias (SKINNER, 1974, p.45).

Conhecemos o estímulo e a resposta, mas não o processo interno que o levou a resposta. Tal teoria não explica porque indivíduos diferentes reagem de maneira diferente ao mesmo processo.

2– A Teoria Afetiva ou teoria humanista tem como expoente Carl Rogers e Abraham Maslow. Está centrada nos sentimentos e na psicologia motivacional. Tem como proposta o desenvolvimento baseado no bem estar, na dignidade, e este deve ser o objetivo de todo pensamento e ações humanas.

Tem como meta capacitar e orientar os indivíduos para que busquem uma conduta moral, que se tornem pessoas com iniciativa, tenham liberdade de criação, sejam pessoas compromissadas e responsáveis.

Por aprendizagem significativa entendo uma aprendizagem que é mais do que uma acumulação de fatos. É uma aprendizagem que provoca uma modificação, quer seja no comportamento do indivíduo, na orientação futura que escolhe ou nas suas atitudes e personalidade. É uma aprendizagem penetrante, que não se limita a um aumento de conhecimentos, mas que penetra profundamente todas as parcelas da sua existência.(ROGERS, 1988, p.83).

3– Na Teoria Cognitiva destacam-se Piaget, Jerome Bruner e Ausubel. Esta teoria se caracteriza pela motivação do indivíduo, interna ou externamente, ele constrói seu aprendizado com sua experiência, aprende com os acontecimentos sociais. Para Ausubel, a parte principal do processo de ensino é a aprendizagem apresentada

como significativa, o material a ser aprendido deverá fazer sentido para o aluno. Se na nova informação do aprendizado encontra-se um conhecimento específico já conhecido, Ausubel chama de conceito “subsunção”, se acontecer o contrário ocorre o que Ausubel chamou de aprendizagem mecânica ou *rote learning*. Assim, a pessoa decora fórmulas, leis, “macetes” para as provas e esquece logo após a avaliação. Para que a aprendizagem seja significativa é preciso haver duas condições:

a) o aluno precisa querer aprender, se o indivíduo quiser memorizar o material de maneira literal e arbitrária a aprendizagem será mecânica;

b) o material a ser aprendido tem que ter um sentido lógico e psicológico, o significado lógico depende somente da natureza do material, e o significado psicológico é uma experiência que cada indivíduo tem. Cada indivíduo seleciona o material que têm significado ou não para si próprio.

Segundo Bruner o desenvolvimento é percebido através de palavras ou símbolos, necessita de regras que são elaboradas em conjunto.

Numa perspectiva construtivista, a aprendizagem é conseguida através da assimilação e das modificações internas através de experiências pessoais.

Os alunos são encarados como participantes ativos no processo ensino/aprendizagem. Os conhecimentos anteriores, expectativas e os ritmos de aprendizagem são levados em consideração.

A teoria cognitiva nos fornece ferramentas para o estímulo do aluno na solução de problemas.

a) O ensino em sala de aula deve se aproximar da realidade em que vive o aluno.

b) Estimular os alunos a utilizar o raciocínio, a não depender só do professor, incentiva a dedução lógica.

c) A matéria deve ser apresentada em forma de problemas a serem resolvidos, não em forma de respostas para serem memorizadas. Esta seria uma maneira de estimular o raciocínio.

d) Trabalho em grupo, para termos um grande número de hipóteses.

4– Teoria dos sistemas sociais, defendida por Dewey leva em consideração o processo de interatividade do grupo em que o indivíduo vive. Para Dewey, o conhecimento está diretamente relacionado com a experiência. Dewey reforça a adaptação do indivíduo à sociedade. A pedagogia de Dewey apresenta a educação

como um instrumento com a finalidade de fornecer ao indivíduo ferramentas, para que resolva, por si próprio, os seus problemas.

Para Dewey vida-experiência e aprendizagem estão unidas e a escola tem um papel democratizador, igualando as oportunidades.

2.3 Predispondo o Indivíduo a Aprender

2.3.1 Tipos de aprendizagem

Gagné (1974, p.21) teoriza a aprendizagem como " uma modificação na disposição ou na capacidade do homem" sendo que esta modificação poderá ser anulada e não se pode simplesmente ser atribuída ao processo do crescimento.

Ao referirmo-nos à aprendizagem, uma questão nos parece óbvia: Quais os tipos de aprendizagem? Como se aprende?

Resumidamente apresentamos os oito tipos de aprendizagem, selecionadas por Gagné em 1974:

- 1– Aprendizagem dos sinais (associação de estímulos) – Esta aprendizagem é involuntária decorre mediante estímulos externos, temos uma resposta condicionada ao estímulo.
- 2– Condicionamento/Resposta – Também é conhecido como condicionamento operante ou instrumental. Obtém-se a resposta desejada mediante uma recompensa, força-se o "aprendizado".
- 3– Cadeias motoras (estímulo-resposta-recompensa ou reforço) – Se quisermos obter a seqüência respostas corretas, deverão seguir uma determinada ordem e serem repetidas inúmeras vezes.
- 4– Cadeias verbais-memorização – feita a partir de palavras chaves, uma palavra estimula a lembrança da outra.
- 5– Aprendizagem por discriminação – Por meio de repetições ele "decora" respostas diferentes a estímulos semelhantes.
- 6– Através de conceitos – uma representação mental de uma classe de estímulos, estes estímulos ocorrem em quatro níveis sucessivos.

- a) Concreto – reconhece-se um objeto visto anteriormente em situação diferente.
 - b) Classificatório – Inclui inúmeros exemplos na classe do conceito e exclui outros.
 - c) Identidade – Um objeto é visto sob um prisma completamente diferente e é reconhecido.
 - d) Formal – O conceito é definido, suas características são listadas e com base nestes dados distingue de outros conceitos.
- 7– Princípios – Para se aprender um princípio, é preciso primeiro, aprender os conceitos que o formam. Na verdade a aprendizagem se faz através de uma cadeia de conceitos.
- 8– Solução do problema – aqui o indivíduo demonstra seu aprendizado através da solução de problema, usando de maneira correta os princípios que lhes foram apresentados.

2.3.2 Etapas do processo de aprendizagem.

- Baseando-nos em Mouly (1973) a aprendizagem é compreendida de sete etapas:
- 1– Motivação – Deve-se motivar o indivíduo para que se processe a aprendizagem. Ninguém aprende se assim não o quiser, compete então ao educador motivar o aluno. Fazer com que tenha interesse por determinado assunto, curiosidade na obtenção da resposta.
 - 2– Objetivo – Uma pessoa motivada encontra um objetivo que poderá satisfazer suas necessidades.
 - 3– Preparação ou prontidão – O indivíduo devera estar apto para conseguir realizar o seu objetivo, descoberto através da motivação.
 - 4– Obstáculos – Esta é a razão da busca de novos conhecimentos a superação de novos obstáculos é que nos impulsiona ao crescimento.
 - 5– Resposta – Se a interpretação da situação estiver correta, o obstáculo estará vencido.
 - 6– Reforço – É a procura da resposta correta, repetidas vezes, até que se consiga vencer o obstáculo.

7– Generalização – “Armazena-se” a resposta correta aos conhecimentos pré adquiridos. Esta nova resposta passa a fazer parte do indivíduo, torna-se uma verdade, o mesmo faz uso dela quando assim for preciso.

2.3.3 Motivação para a aprendizagem

Segundo o cognitivismo o homem se sente motivado a aprender quando o mesmo apresenta intenções, expectativas, planos. A teoria cognitiva trata o homem como o ser racional, que é, respeitando sua individualidade, considerando o que o indivíduo quer ou não fazer.

Segundo Moully (1973), são três as funções mais importantes dos motivos:

1– Os motivos ativam o organismo: levam o indivíduo a uma atividade, na tentativa de satisfazer suas necessidades. Qualquer necessidade gera tensão, desequilíbrio, levando os motivos a manter o organismo ativo até que a necessidade seja satisfeita e a tensão desapareça.

2– Os motivos dirigem o comportamento para um objetivo; diante de uma necessidade, vários objetivos se apresentam como capazes de satisfazê-la, de restabelecer o equilíbrio. Os motivos dirigem o comportamento do indivíduo para o objetivo mais adequado para satisfazer a necessidade.

3– Os motivos selecionam e acentuam a resposta correta: as respostas que conduzem a satisfação das necessidades serão aprendidas, mantidas e provavelmente repetidas quando uma situação semelhante se apresentar novamente.

Na teoria do condicionamento, em sala de aula motiva-se o aluno mediante uma recompensa. Esta forma de aprendizagem não é eficaz, pois não permanece, a obtenção do conhecimento não proporciona uma auto-realização.

Para Maslow , representante da teoria humanista, as necessidades de ordem superior só se manifestam se as de ordem inferior estiverem satisfeitas.

Maslow nos fornece então um conjunto de sete motivos-necessidades, hierárquicos, apresentados a seguir.

1– A satisfação das necessidades fisiológicas é uma condição indispensável para a manifestação e satisfação das necessidades de ordem superior. Um indivíduo com as

necessidades fisiológicas insatisfeitas comporta-se como um animal em luta pela sobrevivência.

2– A necessidade de segurança manifesta-se pelo comportamento de evitar o perigo, pelo recuo diante de situações estranhas e não familiares. É essa necessidade que leva o organismo a agir rapidamente em qualquer situação de emergência.

3– A necessidade de amor e participação expressa o desejo de todas as pessoas de se relacionarem afetivamente com os outros, de pertencerem a um grupo.

4– A necessidade de estima leva-os a procurar a valorização e o reconhecimento por parte dos outros. O sucesso ou o fracasso do aluno, na escola, depende em parte de sua auto-estima, da confiança que tem em si mesmo.

5– A necessidade de realização expressa a tendência em transformar em realidade o que se é potencialmente, a alcançar os objetivos. Esta necessidade é sempre parcial, na medida em que sempre se tem projetos inacabados, sonhos a realizar e objetivos a alcançar.

6– A necessidade de conhecimento e compreensão abrange a curiosidade, a exploração e o desejo de conhecer novas coisas, de adquirir mais conhecimentos.

7– As necessidades estéticas estão presentes em alguns indivíduos e se manifesta pela busca constante da beleza.

A teoria afirma que uma necessidade satisfeita deixa de motivar.

Maslow classificou as necessidades em dois níveis: superior e inferior. As necessidades fisiológicas, de segurança e o social foram descritas como de ordem inferior, e as demais de ordem superior.

As necessidades de ordem superior são satisfeitas no interior da pessoa enquanto que as de ordem inferior apresentam satisfação externa (fisiológicas de segurança).

2.4 Fatores que Influenciam Como Uma Pessoa Aprende Segundo Guillon e Mirshawka.

Antônio Bias Bueno Guillon, é advogado e administrador de empresas, faz parte da diretoria da Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP) desde 1992, trabalha com temas ligados a educação relacionados principalmente a educação e sua qualidade, a formação acadêmica, economia e o desenvolvimento nacionais.

Victor Mirshawka é engenheiro eletricista formado pela Escola de Engenharia Mackenzie, em 1964, Mestre em Estatística Aplicada, pela Universidade de São Paulo, com curso de especialização na Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro. Foi chefe do Departamento de Matemática de 1970 a 1974 pela Universidade Mackenzie e de 1985 a 1986 na Faculdade Armando Alvares Penteado (FEFAAP). Entre 1976 a 1985 foi diretor da FEFAAP. É professor universitário titular das disciplinas: Cálculo Numérico e Computação; Estatística e Pesquisa Operacional, desde 1967, na FEAAP e na Universidade Mackenzie. Coordenador do Instituto de Qualidade e Produtividade da FAAP (IQP-FAAP) desde 1987. Fez diversas visitas técnicas e cursos de aperfeiçoamento nos Estados Unidos e na Europa. Diretor Cultural da Fundação Alvares Penteado, presidente da Mirshawka Consultoria que edita as revistas Qualimetria e Confiabilidade. Publicou diversos livros didáticos nas áreas de Cálculo numérico, Informática, Estatística Aplicada, Pesquisa Operacional, Confiabilidade e Análise de Riscos, Gerência da Qualidade e Manutenção, Produtividade, Criatividade e Administração. Estes dados foram retirados do livro Reeducação, editado em 1995.

Segundo Guillon e Mirshawka(1994) para que a comunicação se torne efetiva é necessário que o aluno confie no professor, a viabilização desta conquista se dará a partir do instante em que o estudante encontre um ambiente propício a isto.

“A forma de se comunicar com os alunos tem importância vital, pois daí dependerá a eficiência do aprendizado”.

Cada indivíduo é único e, portanto, tem uma forma única de aprender, de se relacionar, de compartilhar com os demais suas experiências.

Em uma classe de aula encontramos alunos que se concentram no assunto apresentado pelo professor, não tomam anotações, e se saem bem quando testados seus conhecimentos; outros porem só conseguem aprender quando tomam notas,

estudam em casa, fazem exercícios; e há também os que apresentam uma propensão a só aprender o assunto apresentado quando se deparam com a prática.

”Cada um tem um estilo pessoal de aprender, e saber isso é fundamental para melhorar o desempenho no serviço, na escola, e nas relações interpessoais”. (Guillon e Mirshawka, 1994, p 20).

Especialistas no campo de ensino, definem fatores que influenciam a maneira como se aprende.

As informações nos são passadas através de nossos sentidos, isto é através do olfato, da visão, da audição, do tato e do paladar.

Segundo Dryden (1996), os sentidos também definem como uma pessoa aprende.

Dryden considera a existência de três estilos (Figura 2):

- 1) aprendizes hápticos, ou táteis, ou cinestésicos, que compreende os indivíduos que aprendem melhor quando estão envolvidos em atividades, fazendo e vivenciando experiências;
- 2) aprendizes visuais que aprendem melhor quando podem ver ilustrações, abrangendo também aqueles que aprendem através da leitura;
- 3) aprendizes auditivos, que aprendem melhor por meio do som.



Figura 2: Demonstra O Estilo De Aprendizagem De Cada Indivíduo, Sua Sobreposição Indica Que As Pessoas Podem Possuir Mais De Uma Característica, Ao Mesmo Tempo.

Fonte: Própria

2.4.1 Características individuais de como se aprende

Guillon e Mirshawka (1994) nos fornecem características para que possamos identificar aonde enquadrar o aluno: "... um bom professor é aquele que consegue captar claros sinais de que existem alunos que não conseguem aprender se não virem ou não ouvirem bem, ou então se não sentirem a temperatura ou o peso de alguma coisa ...".

Quadro 1: Características Das Pessoas Quanto A Sua Melhor Modalidade Para O Aprendizado.

Visuais	Cinestésicas	Auditivas
Falam rápido	Falam bem devagar	Falam pausadamente
São organizadas	Discursam com facilidade	Apresentam facilidades em descrições
Dão respostas curtas e diretas, geralmente com um sim ou um não.	Usam palavras de ação.	Falam sozinhos quando estão trabalhando
Ficam rabiscando quando em reuniões	Respondem prontamente a apelos físicos	Não gostam de quebra-cabeça
São detalhistas	Tocam nas pessoas para chamar sua atenção	Mexem os lábios quando estão lendo
Planejam com antecedência o que deverá ser feito	Geralmente são inquietas	Adoram uma boa discussão
Lêem rapidamente	Gesticulam muito	Lêem em voz alta pois gostam de ouvir o que estão falando
Lembram melhor do que viram do que ouviram	Sentam-se perto de alguém quando estão falando	Apresentam maior facilidade em lembrar o que estava sendo discutido

Não se distraem com barulho	Usam um dedo como indicador quando estão lendo	Distraem-se facilmente com o barulho.
Tem problemas com instruções verbais	Costumam andar para poderem memorizar com mais facilidade	Não gostam de escrever
Precisam da visão do todo quando, quando participam de um projeto	Aprendem melhor com trabalhos manuais	A explicação oral é mais clara do que a explicação escrita.
Gostam mais de artes do que de música	Gostam de jogos	Gostam de piadas contadas, não de mímica
Não se concentram por um longo período	Apresentam uma caligrafia feia	Gostam mais de música do que de artes
Apresentam um discurso inteligente, mas muitas vezes não conseguem coloca-lo em palavras	Gostam de jogos	
Preferem demonstrar o que sabem do que explicar por meio de palavras	São propensos a atividades físicas	

Fonte: Adaptado dos conceitos de Guillon e Mirshawka (1994).

Guillon e Mirshawka(1994) denominaram VAC (VISUAL < AUDITIVO < CINESTÉTICO) o sistema que nos diz como aprendemos, ou segundo os autores como melhor processamos a informação.

O professor norte-americano Anthony Gregorc, determinou a dominância cerebral de cada um de nós identificando como processamos a informação.

Este estudioso identificou duas possibilidades que nos levaram a quatro estilos de pensamento.

A dominância cerebral pode levar a:

- a) Percepção concreta ou abstrata e
- b) Ordenação seqüencial (linear) ou aleatória (não linear).

Desta forma, segundo o professor A. Gregorc, tem-se os seguintes estilos de pensamento:

- 1- Seqüencial concreto (SC)
- 2- Seqüencial abstrato (SA)
- 3- Aleatório abstrato (AA)
- 4- Aleatório concreto (AC)

As pessoas que caem nas categorias seqüenciais tendem a ter dominância do hemisfério esquerdo, enquanto os pensadores aleatórios são aqueles que têm dominância do lado direito do cérebro.

2.5 Os Tipos de Inteligências Focando o Aprender, Baseado nos Estudos de Gardner

Se considerarmos a inteligência como uma espécie de grandeza poderíamos atribuir-lhe um módulo. Ao final do século dezoito Binet, a pedido do governo francês, desenvolveu um sistema que determinava o quão inteligente uma pessoa era. Os testes de Binet foram criados para identificar pessoas com deficiências de aprendizagem. Durante a primeira guerra mundial o governo dos Estados Unidos usou o teste de QI (quociente intelectual) para determinar a “habilidade mental” de seus soldados, a partir deste fato o teste de Binet passou a ser difundido e utilizado em todo o mundo. Piaget, trabalhava nesta época dentro do laboratório de Binet, e começou a se interessar pelos erros cometidos pelas crianças em alguns itens do teste de Binet. Suas pesquisas comprovaram a ineficiência dos testes de QI. Piaget observava a linha de raciocínio da criança.

Os estudos de Piaget o levaram a um trabalho em direção a cognição humana. Piaget e Binet focaram suas teorias na solução de problemas lógicos ou lingüísticos; ignoraram a importância dos símbolos e da biologia.

Sabemos que a inteligência não pode ser medida nem definida de maneira simplista.

Atualmente as teorias devem levar em consideração tudo o que norteia a vida do indivíduo, seu habitat, suas relações, seu trabalho e as oportunidades que lhe são apresentadas.

A teoria das Inteligências Múltiplas é uma nova teoria de competências intelectuais humanas. Ela desafia a visão clássica da inteligência que muitos assimilaram explicitamente pela psicologia ou através dos testes de educação ou implicitamente- vivendo numa cultura com uma concepção forte, mas possivelmente circunscrita, de inteligência(SMOLE, 1996, p.104).

Nem sempre os alunos com o melhor desempenho se tornaram os mais bem sucedidos, não se tornaram os profissionais que se esperava. Isto causava uma forte insatisfação no indivíduo, assim como de todos aqueles que lhes eram mais “chegados”. Na verdade o desempenho pessoal e profissional vai muito além dos conteúdos a serem assimilados, propostos pelos meios acadêmicos.

Partindo deste pressuposto varias teorias foram e estão sendo desenvolvidas, entre elas a do Prof. Gardner.

Gardner é considerado um dos maiores pesquisadores da criatividade, é professor de Educação e Psicologia da Harvard University, professor de neurologia da Boston University School of Medicine. Desde 1972 é co-diretor no Projeto Zero, um grupo de pesquisa em cognição humana fundado em 1967 pelo filósofo Nelson Goldman. Gardner é autor de 50 livros e de centenas de artigos. Recebeu diversos prêmios entre eles o MacArthur Prize Fellowship (1981) e o prêmio Grawemeyer (1990) da Universidade de Louisville em educação. Gardner nasceu em Seraton, Pensylvânia em 1943, filho de refugiados alemães, á casado e pai de quatro filhos, estudou piano desde criança, isto influenciou-o, fortemente, a música e as artes estão entre as lembranças mais importantes da sua vida. Surge daí seu interesse pela criatividade e pela inteligência. Influenciado pelos escritos de Piaget, opta pelo estudo do cognitivismo, Gardner se sentia insatisfeito com seus professores e seus colegas devido a falta de interesse dos mesmos no que dizia respeito as questões de criação artística, toma então contato com o “Projeto Zero”, que estudava, especificamente, a natureza do conhecimento e da educação artísticas.

O Projeto Zero foi um meio de divulgação na comunidade científica sobre a concepção das Inteligências Múltiplas. Segundo Smole (1996) a pesquisa foi bem assimilada no meio científico devido a atuação de pessoas de áreas diferentes. A equipe do Projeto Zero foi constituída por um educador; um psicólogo desenvolvimental; um profissional de criação de programas educativos; um filosofo com experiência na área de educação, filosofia da ciência e da linguagem; um

antropólogo especializado em vida familiar, cuidado infantil e desenvolvimento psicológico e uma socióloga especialista em assuntos nipônicos que estudou educação, organizações formais e os papéis das mulheres no terceiro mundo (Gardner, 1994;1996).

Gardner assim como seus colegas se interessam pela criatividade, pela relação entre as diversas inteligências, pelo talento, pela competência e pela “genialidade”.

Gardner faz parte de uma geração de novos estudiosos da inteligência... O que caracteriza esse grupo é o fato de seus membros possuírem um interesse pela natureza e operação das capacidades humanas, investigando detidamente como os símbolos observados em diferentes culturas revelam as rotas do desenvolvimento (BARCELOS, 1999, p.89).

Gardner faz um apanhado de tipos de inteligências, nos aspectos mais diversificados, estuda cientificamente, o desenvolvimento do potencial humano, em crianças normais, nos prodígios, e em pessoas com perda da capacidade cognitiva devido a um mau funcionamento cerebral.

Howard Gardner introduz o conceito da “escola centrada no indivíduo”, aonde observa, estuda os indivíduos focando as suas aptidões, descobrindo os vários tipos de inteligência

Gardner define inteligência como:

“A capacidade de resolver problemas ou de elaborar produtos que sejam valorizados em um ou mais ambientes culturais ou comunitários”.

Caso um indivíduo resolva um problema, não importando o tipo, se ele conseguir resolver este problema, considera-se como possuidor de uma inteligência, e esta poderá ser aprimorada.

Foram oito os critérios selecionados por Gardner que permitem reconhecer determinadas habilidades como inteligências.:

- 1- Isolamento por danos cerebral-Caso ocorra um dano cerebral irreversível a identificação se dá através de uma atividade autônoma em relação a outras faculdades humanas.
- 2- Independência genética e biológica-Os indivíduos estudados para a identificação deste critério foram os *idiots savant*, os prodígios e os indivíduos excepcionais.

Comprovou-se habilidades que apresentaram independência biológica e situaram-se em determinada região neural.

3- Comprovação da pertinência a centros neurais autônomos-Localizado no centro neural, comprova-se sua autonomia após uma lesão fisiológica, há a possibilidade do aparecimento de desempenhos intelectuais diferentes ou até inexistentes.

4- Pertencer a história desenvolvimental distinta e aliada a um conjunto definível de desempenhos-Para se ter uma inteligência reconhecida, deveremos ter o histórico do progresso deste indivíduo, tanto dos normais quanto dos talentosos, do seu nascimento até sua maturidade. Uma inteligência não se desenvolve isoladamente é necessário portanto que se rastreie seu desenvolvimento para que possa ser estudado e comprovado.

5- Ter uma história e sua plausibilidade evolutiva-Deve ser capaz de relacionar o desenvolvimento de sua inteligência (ou ignorância) com o da sociedade a que pertence.

6- Apoio as tarefas psicológicas experimentais-Utilizando critérios e paradigmas utilizados pela psicologia experimental pode-se comprovar ou não a existência de capacidades específicas através do teste de medição do quociente de inteligência.

7- Teste psicométrico-testes que venham a comprovar qualquer um dos critérios citados.

8- Suscetibilidade a codificação em um sistema simbólico- A inteligência humana se situa em torno de sistemas simbólicos. Os mais conhecidos sistemas simbólicos são o desenho, a linguagem e a matemática, a relação da produtividade humana esta baseada nestes três símbolos.

Gardner estudou crianças normais e analisou populações com diferentes problemas mentais do prodígio ao deficiente mental porém com habilidades especiais. Coletando, agrupando e organizando estas informações, obteve como resultado uma lista de diferentes inteligências.

De início Gardner selecionou sete tipos diferentes de inteligências:

1^a – Inteligência Musical

Capacidade de interpretar, escrever, ler e expressar-se pela música
(RIBEIRO, 1998, p.6)

Ouvimos falar de crianças com o dom da música, uma habilidade nata,

Quando estava com três anos de idade, Yehudi Menuhin foi introduzido por seus pais clandestinamente, na Orquestra de São Francisco. O som do violino de Louis Persinger fascinou tanto a criança que ela insistiu em ganhar um violino em seu aniversário e ter Louis Persinger como seu professor. Conseguiu ambos. Quando estava com dez anos de idade Menuhin era um músico internacional. (MENUHIN apud GARDNER 1993, p.22).

A reação de Menuhin àquele som sugere que o menino já estava preparado geneticamente para a música. O fato de pessoas possuírem uma habilidade especial por determinada atividade, não as torna “hábil” em qualquer área.

Crianças autistas que conseguem tocar maravilhosamente um instrumento musical mas não conseguem falar, enfatizam a independência da inteligência musical. Por exemplo, certas partes do cérebro desempenham papéis importantes na percepção e produção da música. Estas áreas estão caracteristicamente localizadas no hemisfério direito, embora a capacidade musical não esteja claramente “localizada” em uma área tão específica como a linguagem (GARDNER, 1993, p.51).

Características de quem possui uma inteligência musical

- Reconhecimento da estrutura musical
- Sensibilidade para sons
- Percebe a diferença entre tons
- Criação de melodias/ritmos
- No início gosta de música lenta

2ª – Inteligência corporal – cinestésica

Esta talvez seja uma das inteligências mais fáceis de serem lembradas. Segundo Ribeiro(1998, p.6) “esta relaciona perfeita forma de expressão corporal, assim com a resolução de determinado problema por meio do corpo.

Os brasileiros falam que “Pelé nasceu com a bola no pé”, sua habilidade era tão evidente que dispensava qualquer comentário, sua habilidade aumentou com o passar do tempo devido a prática constante. Anna Botafogo é um bom exemplo na dança, Oscar Schimit no basquete, todos foram apoiados por horas de treino de dedicação, mas nasceram com algo especial. É verdade que arremessar uma bola,

fazer um gol ou executar um passo na dança não é como resolver uma equação matemática porém é um exemplo dos aspectos cognitivos do uso do corpo.

No momento em que a bola deixa a raquete do sacador, o cérebro calcula aproximadamente aonde ela cairá e onde a raquete irá interceptá-la. Este cálculo inclui a velocidade inicial da bola, combinada com o input para a progressiva redução da velocidade e o efeito do vento depois da batida na bola. Simultaneamente, são dadas ordens musculares: não apenas uma vez, mas constantemente, com informações refinadas e atualizadas (GALLWEY apud GARDNER, 1993, p.24).

Este é um resumo dado por Tim Gallwey na resolução de um problema corporal-cinestésico, bater numa bola de tênis.

“O controle do movimento corporal está localizado no córtex motor, com cada hemisfério dominante ou controlador dos movimentos no lado contra-lateral. Nos destros, a dominância destes movimentos é normalmente encontrada no hemisfério esquerdo”.

A existência de uma apraxia (síndrome neurológica relacionada ao hemisfério esquerdo) evidencia uma inteligência corporal cinestésica.

Características da inteligência Cinestésica:

- Hábeis na dança
- Habilidade nos esportes
- Habilidades mímicas
- possuem um sentido corporal aguçado
- Movimentos pré-programados

3ª – Inteligência Lógico Matemática

Capacidade em desenvolver e/ou compactar cadeias de raciocínios, resolver problemas lógicos, lida bem com cálculos e números...(RIBEIRO, 1998, p.6)

Inteligência lógico-matemática ou “pensamento científico”, chegam a solução do problema através da observação e da dedução. A velocidade da resolução dos

problemas é diferente das demais pessoas para aquele que apresenta uma inteligência lógico matemática acima da comum.

Características da Inteligência Lógico-Matemática:

- Raciocínio indutivo-estabelece uma proposição geral a partir de dados
- Raciocínio dedutivo-correlacionar os dados entre si e chegar a uma conclusão final
- Reconhecimento de padrões abstratos
- Gosta de jogos de estratégia
- Facilidade em solucionar cálculos complexos
- Preferência por experimentos
- Reconhecimento de padrões abstratos
- Discernimento de relações e conexões

4^a – Inteligência Lingüística

Capacidade de lidar bem com a linguagem, tanto a expressão verbal como a escrita...(RIBEIRO, 1998, p.6)

“Uma área específica do cérebro chamada de “Centro de Broca”, é responsável pela produção de sentenças gramaticais”. A linguagem é um dom universal, e seu desenvolvimento nas crianças é constante em qualquer cultura.

Aos dez anos de idade, T. S. Elliot criou uma revista chamada Fireside, do qual ele era o único colaborador. Num período de três dias, durante suas férias de inverno, ele criou oito edições completas. Cada uma incluía poemas, histórias de aventuras, uma coluna de fofocas, e humor. Parte desse material ainda existe e demonstra o talento do poeta (SOLDO apud GARDNER, 1993, p.26).

Mesmo nas populações surdas em que uma linguagem de sinais não é ensinada, elas inventam sua própria linguagem manual e usam-na secretamente, desta maneira podemos ver que uma inteligência opera mesmo que não tenha uma modalidade de entrada e de saída desta informação.

As pessoas com inteligência lingüística gostam de:

- Ler
- Escrever
- Contar estórias
- Fazer palavras cruzadas
- Convencer alguém sobre algo
- Explicar
- Ensinar
- Aprender
- Entender as palavras
- Outros idiomas
- Possuem uma boa memória
- Tem bom humor

5^a – Inteligências Espaciais

Competência relacionada a capacidade de extrapolar situações espaciais para o concreto e vice versa, possuindo desta forma grande percepção e relacionamento com o espaço...(RIBEIRO, 1998, p.6)

“As evidências de pesquisa do cérebro são claras e persuasivas. Assim como o hemisfério esquerdo, durante o curso da evolução foi escolhido como o local do processamento lingüístico nas pessoas destras, o hemisfério direito é o local mais crucial do processamento espacial.

Um dano nas regiões posteriores direitas provoca um prejuízo na capacidade de encontrar o próprio caminho em torno de um lugar, de reconhecer rostos ou cenas, ou de observar detalhes pequenos...

...As populações cegas ilustram a distinção entre a inteligência espacial e a percepção visual. Uma pessoa cega pode reconhecer formas através de método indireto: passar a mão ao longo do objeto traduz a duração do movimento, que por sua vez é traduzida no formato do objeto”.

Características da Inteligência Espacial:

- Percepção acurada de diferentes ângulos espaciais
- Manipulação de imagens

- Representação gráfica
- Percepção do espaço tridimensional
- Grande imaginação
- Gosto por jogos tipo quebra-cabeça

6ª – Inteligência Interpessoal.

A inteligência interpessoal está na capacidade de perceber o que se passa com as outras pessoas, suas mudanças de estado de animo, temperamento, motivação e intenção.

Todos os indícios na pesquisa do cérebro sugerem que os lobos frontais desempenham um papel importante no conhecimento interpessoal. Um dano nessa área pode provocar profundas mudanças de personalidade, ao mesmo tempo em que não se altera outras formas de resolução de problema (GARDNER, 1993, p.29).

É conhecida a história da personagem cega-surda Hellen Keller, e de sua “professora” Anne Sullivan, aonde uma “batalha” era travada para que Hellen se adaptasse ao mundo que a cercava “.Esta história nos sugere que a inteligência interpessoal independe da fala.

Anne Sullivan respondeu sensivelmente ao comportamento da criança. Ela escreveu à família: o maior problema que terei para resolver é como discipliná-la e controlá-la sem subjugar seu espírito. Eu irei muito devagar, a princípio, e tentarei conquistar o seu amor (GARDNER, 1993, p.28).

Características da Inteligência Interpessoal

- Sinergia
- Trabalho cooperativo
- Percebe os estados emocionais dos outros
- Comunicação verbal e não verbal
- Capacidade de liderança
- Capacidade de motivação

7ª – Inteligência Intrapessoal

Capacidade de se conhecer, de entrar em contato com seu próprio 'self', de se auto-avaliar. Reconhecendo seus pontos positivos e negativos, e ficando desta forma mais fácil de trabalhá-los(RIBEIRO, 1998, p.7).

É um auto entendimento, um auto conhecimento somado a capacidade de traduzir verbalmente, o que se sente.

Estes são exemplos de três momentos excepcionais. Eu os relembro com freqüência, ou melhor eles vem a tona inesperadamente. Mas agora eu os escrevo pela primeira vez, e percebo uma coisa que nunca percebi antes. Dois destes momentos acabaram num estado de desespero. O outro, pelo contrario, acabou num estado de satisfação:

O sentimento de horror (ao ficar sabendo do suicídio) deixou-me impotente. Mas no caso da flor eu descobri uma razão, e, assim, fui capaz de lidar com a sensação. Não fiquei impotente. Embora eu ainda tenha a oportunidade de receber esses choques súbitos, eles agora são sempre bem vindos: depois da surpresa inicial, eu sempre sinto, imediatamente, que eles são particularmente valiosos. E então, eu sigo em frente, supondo que a capacidade de receber choques é o que me torna uma escritora. Eu arrisco a explicação de que um choque, em meu caso, é imediatamente seguido pelo desejo de explica-lo (WOOLF apud GARDNER 1993, p.31).

Os lóbos frontais desempenham um importante papel na inteligência intrapessoal, qualquer alteração nesta parte do cérebro afeta a personalidade. Uma criança autista tem a inteligência intrapessoal prejudicada; estas crianças talvez nunca tenham tido a capacidade de se referirem a si mesmas. Elas possuem notáveis capacidades nos domínios musical, computacional, espacial ou mecânico

A inteligência interpessoal é que nos permite entender os outros e a nós mesmos, nos permite sermos mediadores do bom convívio, e o entendimento do que acontece conosco e do que acontece ao nosso redor.

Características da Inteligência Intrapessoal:

- Preocupação com o que esta acontecendo
- Percepção mudanças de humor
- Exprime de maneira clara diferentes sentimentos íntimos
- Autoconhecimento
- Capacidade de abstração
- Raciocínio apurado

Dois outros tipos de inteligências estão sendo incorporadas a teoria das inteligências múltiplas, uma é a Inteligência naturalista, descreve as pessoas que apresentam habilidade em observar, entender e organizar padrões no ambiente natural; (reconhecimento da flora e da fauna) Exemplificando, são pessoas que percebem diferenças sutis existentes nas mesmas espécies, frente a mudanças climáticas. O outro tipo de inteligência e aquela que se refere às pessoas que se preocupam com a existência humana, sua relação com o cosmos, quem somos? Para onde iremos?

Uma bibliografia, mais aprofundada, a respeito não foi obtida pois estas inteligências ainda estão sendo classificadas.

2.6 Síntese do Capítulo

Objetivou-se neste capítulo, demonstrar as abordagens pedagógicas utilizadas no processo de ensino/aprendizagem.

Trata-se das teorias de aprendizagem mais aceitas, e ainda utilizadas em maior ou menor proporção. Poderíamos colocar essas teorias em dois grandes grupos, em um deles teríamos uma perspectiva conducionista onde o aluno é tratado de forma passiva. Apresenta-se um certo material a um aluno e espera-se dele uma determinada resposta (estímulo/resposta). Após esta operação o professor corrigiria o aluno e forneceria uma informação frente ao resultado obtido. Esta teoria não considera os conhecimentos anteriores, ignora também seus interesses e ritmos de aprendizagem. No behaviorismo a base filosófica é o positivismo e o pragmatismo,

através de estímulos direcionamos o que se deve aprender, e espera-se uma resposta ou um comportamento pré programado frente a este estímulo.

Em outra teríamos uma perspectiva construtivista, levando em consideração conhecimentos anteriores, e o conhecimento atual é galgado a partir daquilo que ele já conhece. Nesta teoria o professor é um simples mediador e cabe ao mesmo construir ambientes propícios a aprendizagem e estimulá-los num desenvolvimento cognitivo.

A partir do humanismo e do cognitivismo estudar o comportamento humano torna-se importante, leva-se em consideração o que motiva o indivíduo a querer aprender.

Através dos estudos de Guillon e Mirshawka inicia-se a apresentação de novas e possíveis “ferramentas” que poderão vir a ser utilizadas na estruturação de técnicas a serem empregadas na educação do surdo, são as maneiras como se aprende. A classificação é feita após um estudo do comportamento e da personalidade do aluno, determina-se a partir destes dados se “somos” cinestésicos, visuais ou auditivos, soma-se a teoria das Inteligências Múltiplas, uma alternativa moderna, traz-nos um novo enfoque ao sistema educacional, considera-se a vocação do aluno, a inteligência é vista de um prisma diferente, ela passa a ser direcionada, estimula-se suas aptidões.

Com o uso da Teoria das Inteligências Múltiplas, o indivíduo, suas aptidões e individualidades estariam sendo respeitadas. Com o uso desta ferramenta promove-se a aceleração do processo de adaptação do surdo no sistema educacional.

CAPÍTULO 3 ENSINO DE DEFICIENTES AUDITIVO

Este capítulo aborda um histórico sobre a surdez, mostrando a forma preconceituosa com que o surdo era tratado pelos ouvintes, e toda a luta do surdo para que pudesse ser “ouvido”.

Em seguida apresenta uma classificação sucinta acerca dos diversos níveis de surdez, focando o problema em relação a educação. Em um dos sub-ítem deste capítulo abordaremos as técnicas e metodologias educacionais mais conhecidas, dando ênfase as duas maiores correntes ainda hoje existentes. O oralismo, que “imperou” durante mais de cem anos, e o bilinguismo, que esta sendo discutido e é o que esta sendo adotado no mundo inteiro como a melhor técnica de ensino de deficientes auditivos.

3.1 Histórico

No passado, os surdos eram considerados incapazes, eram destituídos de vontade, não tinham direito de constituir família (a não ser com o consentimento direto do Papa), não tinham direito a herança, viviam sob a tutela de outrem, e se não tivessem alguém que por eles se responsabilizassem, eram abandonados a própria sorte. Alguns dos registros históricos mais antigos conhecidos referindo-se ao surdo, é encontrado no velho testamento. Moisés no século XIII a.C. faz alusão ao surdo aconselhando que não devemos maldizê-lo nem colocar obstáculos ante o cego. Um tratamento respeitoso lhes é dado.

O Talmud diz que não devemos equiparar o surdo e mudo a categoria de idiotas, reconhece nestes indivíduos seres inteligentes e responsáveis moralmente, e portanto com direito a instrução

No Egito e na Pérsia eram considerados enviados dos deuses e eram adorados. Porem este comportamento não foi o padrão, para os gregos e romanos os surdos eram incapazes de serem educados, não eram considerados seres humanos competentes, nas cidades gregas, como Esparta, jogavam-nos do alto do monte

Taijeto; em Atenas eram abandonados ou sacrificados. Em Constantinopla, quando não eram empregados como pajem, eram enviados à morte.

Hipócrates (século IV a.C.) afirmava que: a palavra inteligível depende do controle e da mobilidade da língua.

Heródoto (484 a 424 a.C.) acreditava que os surdos mudos eram seres castigados pelos deuses pelos pecados de seus antepassados.

Para Aristóteles sem a fala não desenvolveríamos o pensamento, a linguagem era o que dava a condição de humano ao indivíduo. Aristóteles defendia a relação entre o som da palavra e a transmissão do pensamento e para ele este era o principal meio de educação.

Lucrécio (95 a 93 a.C.) afirmava: " não há arte possível para instruir um surdo."

Para Plínio (23 a 79 d.C.) o surdo mudo era idiota.

Diante da opinião contrária aos surdos, proferidas por filósofos de grande credibilidade, cria-se um estigma cruel, estes preceitos, ou preconceitos, vingaram durante séculos.

Este quadro desumano começa a ser modificado por Giralamo Cardamo durante o século XV. Cardamo tentava ensinar os surdos através de sinais e da linguagem escrita.

Pedro Ponce de Leon (1520-1584), um monge Beneditino usava sinais (que havia aprendido com os próprios surdos), leitura labial e treinamento da voz.

Nos séculos seguintes alguns professores obtiveram certo destaque tentando ensinar deficientes auditivos.

Em 1620, Ivan Pablo Bonet (Espanha) publica o primeiro livro sobre educação de surdos, que consiste no aprendizado do alfabeto manual e ressalta a intervenção antecipada do problema, assim como o apoio da família, sugerindo, inclusive que, quem convivia com o surdo deveria aprender o alfabeto manual.

Durante o renascimento o surdo passa a ter um novo tratamento, não lhe é mais negada a sua humanidade, estudam-se métodos que possibilitem instruir o surdo e que o mesmo, a partir deste aprendizado pudesse desenvolver suas potencialidades. Os surdos passam a se comunicar na língua dos sinais e expressam suas idéias através da língua escrita.

Em 1756 Abbé Charles Michel de L'Epée (França), cria em Paris a primeira escola para surdos com uma filosofia manualista e oralista.

No século XIX, as conquistas obtidas durante o renascimento, foram negadas, havendo então a imposição do oralismo.

Samuel Heinicke e Moritz Hill (Alemanha), inicia a filosofia oralista, priorizando a língua falada. A partir da segunda metade do século XIX o oralismo ganha terreno, a surdez passa a ser tratada em termos médicos, e as estratégias educacionais tornam-se terapêuticas.

Graças a Thomas Hopkins Gallaudet (1787-1851) e seus sucessores, os surdos e ouvintes, mesmo em condições adversas garantem a subsistência da comunidade surda. Edward Miller Gallaudet (1837-1917) é o principal representante norte americano do método manualista, e Alexandre Gran Bell (1847-1922) o principal representante do oralismo. Temos então duas correntes que divergiam sobre o melhor método a ser utilizado na educação do surdo, alguns acreditavam que o método mais indicado seria dar prioridade a língua falada, Método Oral Puro; outros que o melhor seria o método combinado, o método oral e o dos sinais.

No ano de 1880 em Milão, na Itália, no Congresso Mundial de Surdos concluíram que o melhor método a ser adotado deveria ser o oral puro. A linguagem dos sinais passa então a ser condenada.

Durante cem anos o método adotado é o oral puro, e torna-se evidente que um século de oralismo não foi a solução para a educação do surdo.

Em 1971, no Congresso Mundial de Surdos, realizado em Paris, a língua de sinais passa novamente a ser valorizada. Neste congresso, também é discutida a "Comunicação Total".

Em 1975, no congresso seguinte, a constatação de que os surdos eram sub-educados por meio do oralismo puro e diante da realidade que a comunicação por meio de gestos nunca deixou de existir, fez com que uma nova época se inicializa-se na educação do surdo, dando a educação um enfoque bilingüe (SÁ, 1999, p 72-77).

3.1.1 Histórico no Brasil

Em 1857, a convite do imperador Dom Pedro II, o professor francês Hernest Huet, que era surdo, veio ao Brasil fundar a primeira escola para meninos surdos. Era adotado o método combinado, gestual e oral, esta escola era a Imperial Instituto de Surdos Mudos, hoje Instituto Nacional de Educação de Surdos o INES.

A partir de então os surdos passaram a ter uma escola especializada para sua educação, criaram a língua brasileira de sinais (LIBRAS) uma mistura da língua de sinais francesa com os sistemas de comunicações usados por surdos de diversas localidades.

Ainda hoje a maneira mais difundida de comunicação entre DA (deficiente auditivo) é a língua de sinais, que também podem fazer uso de sistemas informatizados de comunicação.

O computador simplificou a alfabetização do deficiente auditivo permitindo-lhes um maior acesso à multimídia (anexo 8), possibilitando a reunião de livros, CD-ROMs, fotografias, vídeos, e qualquer meio facilitador na obtenção do conhecimento.

Escolas estão investindo em recursos multimídia no auxílio ao ensino do deficiente auditivo, este investimento está sendo feito principalmente em escolas de primeiro e segundo graus.

O acesso a estes recursos possibilita que o deficiente auditivo tenha uma maior compreensão do significado das palavras, dando-lhes possibilidade de formular frases coerentes.

Com o avanço da eletrônica, novos “hardware”, e também novos “softwares”, estão sendo criados e usados na comunicação para deficientes da fala, por exemplo, o <http://www.clipinfo.com.br/releases/cp1110.htm> é um programa de rádio desenvolvido para o deficiente auditivo, os softwares Windows Media Bucoder 7, possibilita que isto ocorra, outro exemplo é o Sign-Dic um dicionário da língua de sinais, criado pela Doutora Daniela R. de Macedo.

O acesso a estes recursos possibilita que o deficiente auditivo tenha uma maior compreensão do significado das palavras, dando-lhes possibilidade de formular frases coerentes.

No final do século XX com os estudos a respeito da surdez, da linguagem dos surdos e de sua educação, é criada a única universidade de surdos do mundo, dirigida por surdos, a Gallaudet University Library, Washington, USA.

No Brasil o ministério da educação tem se preocupado na adaptação do D.A. (deficiente auditivo) na sala de aula através de determinações de como os professores devem se portar em uma classe comum que possuam deficientes auditivos, principalmente direcionada ao ensino fundamental e médio e em particular para professores de português (SÁ, 1999, p 72-77).

3.2 A Surdez

A unidade de medida do som é o dB (decibél), e esta medida é utilizada para determinar o grau de audição do ser humano. Duas unidades são necessárias para se classificar a perda auditiva: freqüência e intensidade.

A freqüência diz respeito ao número de vibrações, ou ciclos por segundo da onda sonora. Um indivíduo pode escutar bem certas freqüências e outras não, e a intensidade se refere a altura relativa do som.

O grau da perda auditiva é um dado relevante no processo ensino/aprendizagem do deficiente auditivo.

É com base no nível de audição que se pode determinar o método educacional mais apropriado a ser aplicado, o tipo e o número de treinamento necessários, a possibilidade da utilização de aparelhos e de amplificadores adequados.

Quanto maior a perda auditiva maior a necessidade de ajuda profissional (Ver Quadro 2).

Quadro 2: Níveis De Perda Auditiva E Implicações Na Educação.

Nível de perda	Intensidade do som para a percepção	Implicação do ponto de vista educacional
Leve	27 a 40 dB	Impede a percepção igualitária de todos os fonemas das palavras. Apresenta dificuldade em ouvir sons distantes. Este aluno

		<p>geralmente é considerado desatento, e requer a repetição do que lhe falou. Pode precisar sentar mais perto do professor, ou em pontos estratégicos para que possa ter uma boa visualização dos lábios de quem esta falando. Esta faixa de audição não impede a aquisição normal da linguagem.</p>
Moderada	41 a 55 dB	<p>Compreende a fala de uma conversa contanto que quem estiver falando tenha uma certa intensidade sonora (fale alto) para que seja facilmente percebida.</p> <p>Apresenta problemas em compreender frases gramaticalmente mais complexas.</p>
Moderadamente Grave	56 a 70 dB	<p>O atraso da linguagem e alterações da articulação são freqüentes, precisa de aparelhos auditivos, treinamento intensivo da fala e da linguagem e também treinamento auditivo</p>
Grave ou Surdez Severa	71 a 90 dB	<p>Identifica alguns ruídos familiares, voz forte. Muitas vezes é considerado surdo. Pode chegar até 4 ou 5 anos sem aprender a falar. Precisa de educação especial intensiva. A compreensão verbal depende de sua aptidão visual. Precisa de aparelhos auditivos, de treinamento da fala e linguagem.</p>

Surdez Profunda	de 91 dB acima	Não identifica a voz humana, pode perceber vibrações e também sons altos. Tem maior confiança na visão do que na audição. Não adquire a linguagem oral de maneira natural. É considerado surdo.
-----------------	----------------	---

Fonte: Adaptado de Góes (1996)

Causas mais comuns para a perda auditiva.

- a) Acúmulo de cera no ouvido externo (orelha e conduto auditivo).
- b) Acúmulo de secreção catarral por trás da membrana do tímpano (Mais freqüente em crianças).
- c) Perfuração da membrana do tímpano (de origem traumática ou infecciosa sendo mais problemáticas se atingirem os ossinhos transmissores do som).
- d) Aquelas que atingem o nervo auditivo (ouvido interno) são mais graves devido a dificuldade de regeneração das células nervosas.
- e) Rubéola. contraída durante a gravidez.
- f) Uso indevido de antibióticos.
- g) Sons acima de 85dB's.
- h) A idade é um outro fator relevante, com o passar dos anos nossa capacidade auditiva vai diminuindo sendo agravada pelo tipo de vida que levamos (barulho, estresse, diversos resfriados, etc.)

Segundo a Organização Mundial da Saúde 10% das crianças brasileiras apresentam algum tipo de deficiência auditiva tendo como conseqüências, baixo rendimento escolar, problemas de relacionamento, sendo muitas vezes mal interpretadas devido a ignorância dos pais e dos educadores.

Estudo recente da Organização Mundial da Saúde (OMS) revela que 7% da população mundial é portadora de algum tipo de perda auditiva. No Brasil, embora as estatísticas não sejam absolutamente confiáveis, calcula-se que o problema atinja uma porcentagem ainda mais alarmante. O número de especialistas em Otorrinolaringologia atuantes no País é assustadoramente baixo: apenas cinco mil médicos exercem a profissão, 80% deles concentrados no eixo Rio-São Paulo. Dos

427 municípios participantes da edição 1999/2000 da campanha Quem Ouve Bem, aprende melhor, só 190 possuíam um otorrinolaringologista fixo. A audição é tão importante que o ouvido é o único órgão dos sentidos a permanecer alerta 24 horas por dia e o máximo que ele suporta, sem o uso de protetores, é o som ambiente, correspondente a 60 decibéis. Acima disso, já se começa a perder a audição.

A alimentação rica em iodo também é um elemento de combate à surdez, pois a deficiência desse sal mineral causa o cretinismo, doença mental reversível responsável, entre outras conseqüências, pela baixa inteligência e surdez.

3.3 A Importância da Linguagem

O mini dicionário da língua portuguesa Aurélio (1993, p 427) define linguagem como:

1– O uso da palavra articulada ou escrita como meio de expressão da comunicação entre pessoas. 2– A forma de expressão pela linguagem(1) própria dum indivíduo, grupo, classe, etc. 3– vocabulário: palavreado

A linguagem é uma das maiores provas da inteligência do homem, foi o que nos diferenciou de outros animais, podemos expressar nossos sentimentos, nossas descobertas. A língua falada é a forma de comunicação mais conhecida, mesmo que uma pessoa não saiba ler ou escrever, através da fala ela se faz entender, talvez o desenho tenha sido a maior forma de comunicação existente, quando desenha-se uma casa o significado do desenho é o mesmo em qualquer língua, na Grécia, na China ou no Brasil, isto é, o desenho terá o mesmo significado. Encontramos em cavernas de todo o mundo desenhos primitivos, e através deles pudemos saber mais a respeito de nossos antepassados, foi o registro histórico de uma cultura.

Escrever é uma das funções culturais típicas do comportamento humano. Em primeiro lugar, pressupõe o uso funcional de certos objetos e expedientes como signos e símbolos. Em vez de armazenar diretamente alguma idéia em sua memória, uma pessoa escreve-a, registra-a fazendo uma marca que, quando observada, trará de volta a mente a idéia registrada.(LURIA, 1988, p 54)

Em 1924, Pavlov considerava a palavra como um estímulo condicionado, porém possuidora de um caráter próprio.

A percepção do mundo externo através das nossas sensações, e a representação deste mundo, nos transmitem os sinais da realidade que nos cerca, as palavras constituem os segundos sinais, representam a nossa concepção da realidade formando nosso modo de pensamento humano e superior.

A linguagem e o pensamento estão diretamente relacionados, não existem pensamentos que não tenham uma correspondente expressão verbal, esta expressão poderá ser manifestada através da escrita ou da fala.

Costuma-se ter por certo que não existem pensamentos que não sejam formulados por palavras, ao ponto de poder se afirmar que todo pensamento corresponde a alguma determinada expressão verbal. É por isso que não se estabelecem diferenciações entre as perturbações do pensamento e as alterações da linguagem. (Ballone, 2001, p.54)

A linguagem é um atributo humano e como tal constitui nosso elo de comunicação, portanto, não devemos desconsiderar o conteúdo da linguagem.

A cognição humana, os diferentes tipos de mentes estão sendo estudados a muito tempo por profissionais de diferentes áreas, psicólogos, pedagogos, fonoaudiólogos procuram desenvolver por meio de estudos e de tecnologias, máquinas que consigam analisar, as relações da cognição da aprendizagem e da linguagem.

Segundo Vygotsky, Piaget e Bruner, e pesquisadores da atualidade Marchesi (1987), Massone (1993), Stokoe (1960), Volterra (1981) demonstraram que deficientes auditivos apresentam capacidade cognitiva equivalente à dos ouvintes e, que são pessoas absolutamente normais, devido a falta de informação muitas vezes são tratados como se tivessem um problema mental ou confundidos com autistas.

O deficiente auditivo apresenta dificuldade no uso da linguagem oral, e insuficiente é o seu desenvolvimento no domínio desta estrutura lingüística. O que não impede que consigam exprimir seus sentimentos e emoções utilizando para isto, a linguagem natural dos surdos, a língua de sinais.

As capacidades cognitivas dos surdos são as mesmas que a das crianças ouvintes. Para Piaget (1975), a linguagem não pode ser a base para o pensamento,

pois segundo autor o desenvolvimento cognitivo precede a compreensão lingüística. Segundo Furth (2002) a criança surda, mesmo em dificuldade com a linguagem, desenvolve a mesma habilidade cognitiva não-verbal que seus pares ouvintes.

A forma de escrever das crianças surdas, ao invés de ser absurda, tem em si uma lógica intrínseca. Reflete sua intensa percepção visual do mundo e o modo pelo qual suas experiências cognitivas são organizadas. O inadequado desenvolvimento lingüístico da criança surda leva-a a mudar sua capacidade biológica para a linguagem, construindo sua própria língua de acordo com regras internas específicas por sua capacidade. A hipótese testada é a de que a linguagem da criança reflete em sua escrita.(BERNARDINO, 2000, p.100)

3.3.1 Analisando a linguagem do surdo

Segundo Chomsky (1994), como conseguimos adquirir a linguagem tão rapidamente, não tem uma explicação simples, ele acredita que esta rapidez com que aprendemos a falar, a associar as palavras já está embutido no próprio sistema nervoso humano. No deficiente auditivo a sua incapacidade de uma boa audição pode causar um bloqueio no desenvolvimento da fala de maneira “natural”, como no caso da pessoa “normal” porém “não impede os processos não verbais”.

Ambas as linguagens são sumamente mais fáceis para o surdo- mudo (a linguagem dos gestos e a datilologia): a linguagem dos gestos constitui sua linguagem natural, a linguagem oral, pelo contrário, é antinatural para o surdo mudo. Não obstante devemos preferir a mais difícil e antinatural: a linguagem oral. Esta apesar de muito mais difícil lhes proporciona benefício maior. (VIGOTSKY, 1924, p 67).

Quando Vigotsky deu a opinião acima, a língua dos sinais não havia ainda sido estudada de maneira científica, e não se havia chegado a conclusão de que esta era a língua natural do surdo. De acordo com Brito(1995, p.11), à língua de sinais, possui “ toda a complexidade de sistemas lingüísticos que servem a comunicação e

de suporte de pensamento às pessoas dotadas da faculdade de linguagem possuem”

A linguagem é a manifestação do pensamento consciente, tanto a expressão verbal quanto a expressão gráfica, devem constar de dois elementos fundamentais - a sintaxe e a palavra.

A sintaxe estabelece as relações entre as palavras e as frases, é a própria organização do pensamento. Esta relação entre palavras devem estar expostas numa determinada ordem, necessária para a formação do raciocínio lógico.

Em 1924, Pavlov “via” a palavra como uma espécie de estímulo condicionado, comparável aos demais estímulos, porém com um caráter próprio. Para ele nossas sensações e representações do mundo exterior são os nossos primeiros sinais da realidade, os segundos sinais eram as palavras que representam a abstração da realidade.

Depois de estudar mais pormenorizadamente as crianças surdas Vygotsky muda de postura e começa levar em consideração a língua dos sinais a que ele chamava de mímica, e enfatiza a importância da linguagem na formação dos “processos mentais superiores”.

Para Vygotsky, retirar uma criança do convívio com a sociedade dificultaria o desenvolvimento intelectual e psicológico desta criança.

Está totalmente claro que a falta da linguagem na criança surda-muda, ao dificultar sua comunicação plena do coletivo e ao tira-la do coletivo, é um dos freios principais para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. (VYGOTSKY, 1931, p.189)

Nesta época a tendência era o oralismo, o fato de reconhecer que somente a linguagem oral não estava sendo satisfatória, abre precedentes para uma maior consideração da linguagem dos sinais como forma de comunicação, embora não considere a “mímica” como “linguagem verdadeira do surdo-mudo

A luta da linguagem oral contra a mímica, apesar de todas as boas intenções dos pedagogos, como regra geral, sempre termina com a vitória da mímica, não porque precisamente a mímica do ponto de vista seja a linguagem verdadeira do surdo-mudo, nem porque a mímica seja mais fácil, como dizem muitos pedagogos, senão porque a pronuncia oral das palavras

formadas artificialmente está desprovida da riqueza vital e é só uma cópia sem vida da linguagem viva.(VYGOTSKY, 1931, p.190).

A importância dos estudos realizados por Vygotsky, está no destaque dada a “mímica”, como um reforço na alfabetização do surdo, propiciando que ele (o surdo) entenda o sentido das palavras. A possibilidade levantada por um cientista tão respeitado, abria, nesta época precedentes para uma discussão mais aprofundada sobre o assunto, levando em consideração o comportamento do surdo.

3.4 Abordagens Pedagógicas

A aprendizagem é um processo extremamente delicado, envolvendo aspectos emocionais, culturais, financeiros, somáticos.

Aprendemos se estivermos aptos e motivados a isto. É um processo intrínseco. Para se aprender tem-se que querer o conhecimento.

As observações acima se referem a qualquer aluno, porém apresentam uma importância particular quando referem-se a portadores de deficiências.

O estudo a respeito da surdez, desde o seu início, procura determinar qual a melhor técnica de ensino que possibilite ao surdo não só sua inserção em uma sociedade de ouvintes mas o acesso igualitário ao mercado de trabalho e aos diferentes níveis de escolaridade. Ele deverá conseguir tudo isto sem perder sua identidade de surdo.

A língua natural para o surdo é a língua dos sinais, a polêmica está em torno da sua utilização ou não na educação.

Segundo Monreal (1995) toda a polemica manual/oral, que teve início no século XVIII, continua hoje com a busca de métodos mais adequados para a educação de surdos.

Os profissionais da área concordam que as crianças portadoras de surdez necessitam ter acesso a um sistema de comunicação o mais cedo possível, para que seu desenvolvimento cognitivo e verbal seja normal para sua idade.

O ser humano tem seu desenvolvimento cognitivo e verbal mais acentuado de zero a três anos, este período deverá ser devidamente aproveitado.

De acordo com Lowe (1982) caso uma criança surda seja reconhecida e conduzida para sua assistência pedagógica ao término do segundo ano de vida, passou-se irremediavelmente a fase ótima de sua disposição para a aprendizagem.

As investigações demonstram que crianças portadoras de surdez, filhas de pais surdos se saem melhor em suas atividades acadêmicas e posteriormente são melhor adaptadas profissionalmente. Nestes casos a primeira língua que estas crianças tem contato, é a língua dos sinais, o que a torna uma língua natural, assim como faz uma criança ouvinte com a língua oral.

Diversas investigações demonstram que estas crianças tendem a alcançar melhores níveis cognitivos, psicossociais e educativos. Estes resultados parecem estar relacionados, por um lado, com a melhor e precoce aceitação por parte dos pais da surdez de seu filho, e por outro lado com o uso da língua dos sinais. (MONREAL, 2002)

Outro fator relevante é a estabilidade emocional, a aceitação por parte da família se faz de maneira natural, sem traumas, o que não ocorre com crianças surdas filha de pais ouvintes, na maioria dos casos, a falta de um meio de comunicação e muitas vezes o diagnóstico atrasado da surdez, causam problemas de adaptação a este indivíduo.

Por muito tempo a principal preocupação dos pais e dos educadores era fazer com que o surdo falasse, esquecendo que o importante é a linguagem interior, o saber o que quer dizer e encontrar as palavras com o significado correto para fazê-lo, o objetivo primeiro é estruturar-lhes a mente para que possam pensar por si, e discutir por sua própria conta.

1) O oralismo:

Por aproximadamente cem anos, foi o método de ensino de surdos mais utilizado. Adotado a partir do Congresso mundial de Surdos em Milão, em 1880, passa a ser grandemente difundido. O método oral puro, não admitia o uso de nenhum tipo de gestos (sinais), muito se passou e frente aos insucessos, o método

oral sofreu adaptações. Com o advento da tecnologia, passa a se basear na estimulação auditiva para a aquisição da língua oral, outros complementos também são admitidos desde os gestos naturais (ainda não admitem a língua dos sinais) até recursos visuais, tais como vídeos didáticos, programas em CD-ROM para a aquisição da escrita.

Atualmente distinguem-se dois métodos oralistas:

- a) Método Oral Unissensorial – Baseado somente na estimulação auditiva.
- b) Método Oralista Plurissensorial – Baseado na estimulação auditiva, com o auxílio de seus outros sentidos, tais como a visão e o tato.

O oralismo objetiva a aquisição da língua oral para sua adaptação no mundo ouvinte.

Segundo Wallin “O ponto de vista oralista definia “língua” como um sistema vocal para a comunicação humana, baseado na fala e no som. O oralista ligava língua e pensamento, querendo dizer com isto que para pensar era necessário uma língua- a língua falada. Ora, como a língua dos sinais não se enquadrava na sua definição de língua, a visão do oralista era de que o uso da língua dos sinais era prejudicial para a criança surda, pois não lhe dava um meio de pensar.”(1996, p. 26)

A maioria dos oralistas acreditam que o uso da língua dos sinais dificulta o aprendizado da fala, acreditam que devido a facilidade de aquisição da língua dos sinais pelo surdo, ele deixara de ter interesse pela língua falada. O oralismo mais radical não admite a utilização de nenhum tipo de gesto. “O gesto é a morte da linguagem verbal.” (Schmid-Givannini, 1980). Conheciam a língua dos sinais como um conjunto de gestos sem nenhuma estrutura gramatical, uma espécie de mímica. O oralismo puro foi deixado de lado, devido aos resultados insatisfatórios.

A abordagem educacional oralista não enfatiza o que o surdo tem, mas o que lhe falta. A abordagem define-se por uma modalidade de língua não natural à criança surda, sem considerar o fato de que esta não possibilitará interações lingüísticas nos níveis mais profundos da comunicação.(SÁ,1999, p.88)

O oralismo foi empregado apoiando-se na normalização da fala, a realidade constatada porém, depois de feitas investigações mais aprofundadas, constatou-se que este propósito não havia sido cumprido.

Ao referir-se às crianças surdas de hoje em comparação com a realidade por ele vivida, Wallin (1992) exprime assim seus sentimentos:

quase me fazem chorar toda vez que as encontro e testemunho todas as coisas que sabem e podem fazer, mas, ao mesmo tempo, um sentimento de raiva contra os orlistes pelo que ele nos causaram, por todas as coisas que tivemos arruinadas por causa deles- também toma conta de mim. Um dos piores atos cometidos contra nós foi aquele de nos ter sido negada a língua dos sinais. (1992,p.46) Lars Wallin é professor surdo do Departamento de Línguas de Sinais do Instituto de Línguas da Universidade de Estocolmo, Suécia .

1.1) Estimulação auditiva

Baseado nos métodos oralistas esta a estimulação ou reeducação auditiva, que consiste no desenvolvimento do resíduo auditivo, através de treinamentos e de estimulação auditiva.

Para os oralistas não existe uma criança totalmente surda, todas apresentam um resíduo auditivo, portanto deve-se ajudar a criança “ouvir”.

Aprender a ouvir será para a criança surda a base de uma boa compreensão dos diferentes contextos em que se desenvolverá a sua vida, é a base de uma boa articulação e entonação que darão inteligibilidade a sua fala e lhe facilitarão a entrada em uma sociedade ouvinte marginalizadora. A aquisição da fala por parte da criança surda está intimamente ligada a educação e a percepção do som e as vibrações produzidas por sua voz.”(SILVESTRE, 1984, p.36).

Objetivos a serem alcançados com o treinamento/estimulação auditiva:

- a– desenvolvimento do resíduo auditivo,
- b– desenvolver a atenção para que se perceba o mundo sonoro,
- c– perceber a quantidade de impulsos,
- d– reconhecer diferentes sons (fala, ruídos, sons instrumentais),
- e– memória auditiva, para que possa reconhecer o som,
- f– localizar a fonte sonora, mesmo fora de seu campo de visão, por uma questão de segurança pessoal.

1.2) Leitura Labial

Também conhecida como leitura labiofacial ou labioleitura, auxilia na obtenção do desenvolvimento da fala, o problema é que conforme a posição em que o surdo se encontrar haverá dificuldade na leitura, se a pessoa que esta falando estiver fumando ou usar bigode também dificultara a leitura, nem todas as palavras são facilmente distinguíveis, a velocidade em que a pessoa está falando e inúmeras outras.

Gomez Monteverde (Torres Monreal, 1994) nos expõe com bastante clareza o problema que um surdo enfrenta quanto a leitura labial.

seguirei necessitando sempre que as pessoas que me rodeiam aprendam a facilitar-me a leitura labiofacial(...). Para a pessoa surda exercitar a leitura labiofacial em situações da vida real supõe-se um esforço muito grande, (...) É um esforço que esgota e que muitas vezes deprime quando não se consegue o desejado (entender), um amigo mais atento deve ir repetindo e resumindo a conversa, deixando ao surdo, a sensação inevitável de que somos uma carga pesada para este amigo ou para o grupo inteiro quando observamos que todos se esforçam para falar como não falam normalmente...(MONTEVERDE apud MONREAL, 1994)

1.3) Método Verbotonal

O método verbotonal é o primeiro dos sistemas de intervenção oralista. Foi criado por Peter Guberina na década de cinqüenta, lingüista e foneticista iugoslavo, que vinha particularmente se interessando pêlos sons da fala.

Trata-se de um método que visa desenvolver a fala e a audição dos deficientes auditivos. Poderá ser aplicado a deficientes auditivos de todas as idades, desde a estimulação precoce até pessoas que perderam a audição com o passar da idade.

A base de partida é a utilização da palavra falada como estímulo.

Fundamenta-se na fonética para sua aplicação, através de técnicas de utilização de fonemas, de estudo das freqüências audíveis.

Para que seja possível a utilização do método, deve-se usar eletroacústicos, conhecidos como Suvags, amplificadores de som que possuem filtros para determinadas freqüências, vibradores e amplificadores. Com a ajuda destes aparatos eletrônicos se faz um diagnóstico e reabilitação.

2) Palavra complementada

A palavra complementada é uma técnica idealizada pelo professor Cornell da Universidade Gallaudet em 1987, consiste em completar a leitura labial através de gestos sem significado lingüístico. As mãos e os lábios devem atuar de maneira precisa para suprir as faltas causadas pela leitura labial.

3) Dactilogia.

Pode ser definida como a escrita no espaço. Cada letra do alfabeto pode ser representada pela posição da mão e dos dedos. A dactilogia não é freqüentemente usada, mas apenas para nomes de lugares, pessoas, neologismos.

A dactilogia apresenta dificuldades para a aquisição pelas crianças, já que requer uma habilidade de coordenação motora superior a que se necessita para expressar-se através dos sinais. Por outro lado, a percepção e a separação das palavras expressadas através da dactilogia está baseada em uma grande habilidade de discriminação, que supõe em grande parte o conhecimento da gramática da linguagem oral. (MARCHETTI, 1995, p.98).

4) Bimodalismo

Idealizada por Schlesinger em 1978, se baseia no uso simultâneo da língua oral e da língua dos sinais, porém adicionam sinais para poderem utilizar preposições, artigos, conjunções.

Tem como principio respeitar a estrutura da linguagem oral, também utilizam-se da dactilogia para aquelas palavras que não possuem sinais característicos.

Esta técnica sofre criticas tanto do oralismo quanto dos defensores da língua dos sinais, pois de um lado utiliza-se de gestos, e por outro lado não segue a estrutura lingüística da língua dos sinais.

O método bimodal está mais próximo da língua oral, pois, gestos e palavras são sobrepostos.

5) Comunicação Total

A comunicação total é definida como uma filosofia de ensino, ela não é uma metodologia, é antes de tudo uma maneira de “entender” o surdo, de acordo com Ciccone a comunicação total é uma alternativa educacional na área de atendimento de pessoas surdas, a autora ressalta que “ em nosso modelo brasileiro desde 1987 excluimos de nossas estratégias o uso de um pidgin (a transferência da estrutura de uma língua para a outra) sinalizado, em nossas práticas bimodais.” (Ciccone, 1995, p.52) A filosofia é usar de maneira efetiva um ou outro método, utiliza de comunicação auditiva, oral e manual na mesma técnica de ensino, conforme a situação, para que se possa processar a comunicação nas suas formas mais variadas.

Nesta opção educativa pode-se correr o risco de realizar uma mistura dos métodos(...), se, não se fizer uma definição clara do sistema escolhido por cada interlocutor e para cada situação. Pode ser um recurso interessante a se considerar, em especial quando os pais e educadores ouvintes tiverem. pouca experiência na língua dos sinais.(VIADER, 2002)

A comunicação total sendo usada como sinônimo de bimodalismo, é feita por aqueles que não são adeptos da comunicação total, ainda nos referindo a Ciccone, a autora refere-se a autora refere-se as estratégias de atuação da Comunicação Total como:

- Encaminhamento de estudantes surdos a escolas especiais, onde deverão ser atendidos por profissionais especializados e por currículos regulares.
- Formação de profissionais especializados e aptos para a prática de estratégias bilíngües, na transmissão dos conteúdos dos currículos regulares: professores ouvintes bilíngües (ou com interpretes) ou professores surdos bilíngües(ou com interpretes).
- Organização de currículo regular que enfatize as duas línguas e, inclusive, a questão da leitura escrita dos alunos, o que será fundamental para um letramento que, por direito, só nestas condições se faz.(CICCONE,1995,p.53)

Observamos que o objetivo da comunicação total é o bilinguismo, usando de todas estratégias conhecidas.

6) Bilinguismo

Uma pessoa bilingüe é aquela que domina duas línguas, no caso da abordagem educacional do bilinguismo a primeira língua é a dos sinais, a segunda é a língua oral do seu país.

A língua de sinais é considerada a primeira língua porque é a língua natural para o surdo, é a ferramenta que lhe será útil para simbolizar a realidade sem grande dificuldade e que fará com que o surdo disponha de uma linguagem para expressar seu pensamento.

Dentro do bilinguismo são dados enfoques diferentes ditados pela política educacional de cada país. Na Suécia, por exemplo, a primeira língua a ser aprendida pelo surdo é a língua de sinais, a segunda é a escrita e por último a língua oral.

A estrutura gramatical da língua de sinais e da língua oral são diferentes, os oralistas argumentavam que devido a esta característica a língua de sinais atrapalharia a aquisição da língua oral. E na realidade o que acontece é justamente o contrário, estudos comprovam que a língua de sinais dá suporte a aprendizagem da língua oral.

A língua de sinais possibilita ao educando ensinar as regras gramaticais da língua oral, da mesma maneira que seria ensinado a um ouvinte.

As crianças surdas devem ter em seguida contato com pessoas que falem fluentemente a língua dos sinais, que sejam seus pais, professores ou qualquer outra pessoa. Uma vez que tenham aprendido a falar por sinais (e podem fazê-lo bem aos três anos) é quando deve seguir os demais: Uma troca livre de inteligências, uma livre circulação de informações, a aprendizagem da escrita e quem sabe da fala.(SACKS, 1998, p.55).

O Bilinguismo capacita a pessoa surda a utilizar duas línguas a dos sinais e a da comunidade ouvinte, deixando a escolha do surdo o momento da utilização de uma ou de outra.

Existe toda uma discussão "filosófica" a respeito da caracterização que deverá ser dada à língua de sinais, feita por estudiosos, se devemos nos referir a ela como

língua materna (Brito,1993), de língua nativa (Duffy apud Quadros, 1995), de língua natural (Fernandes,1990), porém não se vê importância educacional quanto a esta caracterização. O que é importante é o reconhecimento de que o surdo encontrou uma maneira de expressar seu pensamento, mesmo com toda a ditadura que sofreu por parte do oralismo, quando resolveram proibir a utilização das mãos. É fato que o surdo, se tiver contato com outros surdos que utilizem a língua de sinais, a aprende de maneira natural, de maneira espontânea.

(...) filhos surdos de pais surdos apresentam melhores níveis acadêmicos, melhores habilidades para a aprendizagem da língua falada e escrita, níveis de leitura semelhante ao do ouvinte..., uma identidade equilibrada, e não apresentam os problemas sócio afetivos próprios dos filhos surdos de pais ouvintes (Skliar, 1995, p.89)

Brito(1990) esclarece que as pesquisas acerca das línguas de sinais tem demonstrado sua complexidade, é uma língua completa, abstrata e rica pode ser uma modalidade gestual-visual da língua. Um tema atual e instigante diz respeito a discussão da relação pensamento/linguagem/desenvolvimento, pelos estudos de Piaget e de Vygotsky, a respeito do desenvolvimento cognitivo relacionado com a capacidade do homem em adquirir e desenvolver a linguagem, como vimos Piaget não coloca a linguagem atrelada ao desenvolvimento do pensamento. Segundo este, o pensamento pode progredir sem se relacionar com a linguagem, se opondo a Vygotsky que coloca a linguagem em posição privilegiada e a liga de modo direto e dependente do pensamento, o que é importante é “tirar” destes pesquisadores a visão que é imprescindível um suporte lingüístico para que o indivíduo consiga desenvolver seu pensamento e conseqüentemente sua inteligência. Isto demonstra quão importante é o desenvolvimento de uma linguagem, para qualquer pessoa inteligente, é o instrumento que possibilita o desenvolvimento intelectual e a satisfação do reconhecimento pelo seu trabalho, divulgado a partir da linguagem.

O processo de aquisição de qualquer língua acontece quando o sujeito assimila a estrutura, o léxico, a pragmática e a semântica da língua de maneira natural e espontânea, a partir do momento em que o indivíduo “estiver pensando” naquela língua ele conseguiu assimilá-la. Rodrigues(1993, p.17) após estudar a organização neural da linguagem, chegou a conclusão que:

- Se a língua de sinais é organizada no cérebro da mesma forma que a língua oral, então do ponto de vista biológico a língua de sinais é uma língua natural.
- Se a língua de sinais é uma língua natural, então seu aprendizado tem um período crítico.
- Se a língua de sinais tem um período crítico, então as crianças surdas estão iniciando tarde seu aprendizado.
- Se a natureza compensa parcialmente a falta de audição aumentando a capacidade visual dos surdos, então a cultura ouvinte erra ao insistir na linguagem oral, ignorando a maior habilidade do surdo para a língua de sinais (RODRIGUES, 1993, p.17)

Qualquer segunda língua que o indivíduo quiser aprender será relacionada com a primeira língua, aquela que ele aprendeu de maneira natural, “o aprendizado da segunda língua sempre é influenciado pela aquisição da primeira.”(SÁ, 1999,p.174)

Pesquisadores provaram que a língua dos sinais é a língua natural dos surdos, ele a utiliza para expressar suas emoções seus pensamentos ou “traduzir qualquer nuance lingüística de qualquer língua.” (Ramos,1995).

A língua dos sinais é uma língua complexa, completa, e rica, ela pode ser “entendida” como uma forma de linguagem gestual-visual. Para Brito a língua dos sinais é “o principal suporte para o aprendizado global, suporte do pensamento e meio de significação.” (BRITO,1993, p.29).

Depois de analisar as diferenças entre as línguas orais e as línguas de sinais Brito destaca principalmente:

- A ordem seqüencial linear da fala;
- A simultaneidade nos parâmetros (configuração de mão, ponto de articulação, movimento, expressões não manuais, orientação, simetria e qualidade do movimento (RAMOS, 1995).
- A simultaneidade de sinais na formação de varias orações na língua dos sinais.

O importante é saber que as línguas dos sinais não foram inventadas como recurso educacional, ela é antes de tudo uma língua natural, possuem níveis morfológicos, fonológico, semântico, sintático, pragmático o que caracterizam qualquer língua (BRITO,1993: FERNANDES, 1994; FELIPE ,1992).

O ministério da justiça, através da câmara técnica traz o registro das propostas e sugestões em relação a língua dos sinais do nosso país e a caracterização da profissão de intérprete, através do projeto de lei número 131, aprovado pelo senado federal.(anexo 4)

O Brasil define-se pelo bilinguismo, como no restante do mundo, quanto a segunda língua a ser adquirida pelo surdo não se sabe ainda se o certo é ensinar primeiramente a língua oral falada ou a língua oral escrita, o Brasil comparado a países como a Suécia, a Venezuela esta apenas engatinhando.

O bilinguismo é relativamente novo, não tendo sido feito até o momento pesquisas comprovando sua eficácia, o que se espera é que não seja mais um modismo infligido por uma comunidade ouvinte embuída de boas intenções. A abordagem educacional bilingüista não descarta o trabalho clinico de oralização feito por fonoaudiólogos, nem que o surdo pode falar, deseja apenas a separação entre o processo clinico de aquisição da fala, e o processo escolar, poderão ou não ser feitos em paralelo, conforme o caso, o que não se pode é dar mais atenção ao clinico em detrimento da educação, como vinha sendo feito, pois os resultados obtidos não foram nada satisfatórios.

3.5 Síntese do Capítulo

O surdo tem inegavelmente uma deficiência da fala, não adianta negar este fato, com receio de serem tachados de preconceituosos. Seríamos preconceituosos se “víssemos” o surdo como uma pessoa incapaz de aprender, ou de se desenvolver da mesma forma que uma pessoa não surda, e isto não acontece. Os surdos não demoram mais para aprender a linguagem natural, visto que crianças filhas de pais surdos aprendem a se comunicar com seus pais no mesmo tempo que crianças ouvintes. O que faz com que o surdo apresente um atraso em relação a sua escolaridade é o despreparo de seus professores ouvintes.

Os métodos empregados na alfabetização dos surdos nem sempre foram eficazes, sabemos que existem surdos com uma considerável projeção advindo do oralismo, porém isto não aconteceu com a maioria, e por aproximadamente cem anos o descaso do ouvinte obrigou com que o surdo escondesse sua facilidade em

se comunicar através da língua sinalizada. Diante dos inúmeros fracassos, e da comprovação de que embora os surdos aprendessem a falar, pois não tinham problemas em seu aparelho fonatório, não davam o sentido correto as palavras, e suas frases eram incoerentes.

Isto fez com que estudiosos discutissem novas técnicas de ensino, aquela que esta sendo amplamente divulgada é o bilinguismo, esta técnica utiliza das ferramentas existentes de maneira mais organizada obedecendo uma certa cronologia. Ainda não foram obtidos dados comprobatórios da eficácia do método bilinguista, espera-se que este seja o método apropriado que possibilite a inclusão de maneira completa do surdo em sua comunidade ouvinte. Diferentemente de outras épocas os surdos estão sendo ouvidos, talvez não tanto quanto mereçam, provavelmente possuem opiniões mais confiáveis a respeito das técnicas a serem empregadas, se querem ou não estudar em escolas dirigidas por ouvinte, se querem ou não falar, estas conquistas serão obtidas com o passar do tempo, não esqueçam que nos ouvintes estamos aprendendo a “escutar”.

CAPÍTULO 4 FALANDO COM O SURDO- “UM ESTUDO DE CASO”

Para atingir o propósito deste estudo, adotou-se uma abordagem que pudesse nos fornecer dados, possibilitando que o pesquisador, frente as informações, registre sua análise, sem contudo, tecer críticas.

Uma das diferenças mais fundamentais entre a pesquisa descritiva e a experimental é que esta utiliza o experimento como meio de observar a relação entre os fenômenos. Numa aproximação, a pesquisa descritiva, como o nome esta dizendo, descreve os fenômenos enquanto que a pesquisa experimental explica-os. As duas são muito importantes, cada uma na missão na missão que deve cumprir, para ajudar o homem a descobrir cada vez mais e compreender melhor o mundo em que vivemos, permitindo-lhe prever acontecimentos e controlar, para o seu bem, a realidade que o cerca (RÚDIO, 1980, p 69).

A abordagem desta pesquisa será descritiva, não cabendo portanto, discussões a respeito.

Tendo como propósito determinar se os surdos, em sua maioria, se enquadram em uma das categorias especificadas por Guillon e Mirshawka (1994), feita por intermédio de um questionário com questões baseadas nas características de como se aprende, estabelecidas pelos referidos autores, e completadas através de entrevistas.

4.1 Perfil dos Entrevistados

Um dos entrevistados é aluno de engenharia elétrica, a escolha da profissão se deu devido as características de sua personalidade e influência de sua família, segundo o entrevistado sempre gostou de física, decidiu que esta não seria a melhor escolha devido ao fator financeiro, provavelmente se fosse físico, seria professor e professor ganha mal (palavras do aluno). Seu pai é engenheiro eletricitista e o ajudou

na escolha da profissão. Este aluno apresenta dificuldades quanto a interpretação de textos, e nas matérias em que precisa mais do português

Outro dos alunos apresentava facilidade em desenhar (segundo sua mãe), isto desde pequeno, e facilidade em matemática, hoje é estudante de desenho industrial, apresenta também uma “paixão” muito grande por teologia.

Um dos entrevistados, nunca estudou em escolas especiais, seus pais acreditavam que teriam que forçá-lo a adaptar-se ao mundo ouvinte, pois o contrário “não aconteceria”, não conseguia entrar em uma universidade, esbarrava nas provas de português, obteve seu acesso (segundo sua mãe), via transferência de universidade norte americana, obteve acesso a Universidade Luterana do Brasil, ULBRA, no Rio Grande do Sul, em seguida pediu transferência para a Pontifícia Universidade Católica, PUC, de Curitiba. Este aluno embora tenha relatado experiências não agradáveis com colegas, hoje convive bem com ouvintes e se não disser nada, pensarão que não é surdo. Mas alguém de outro país que não domina bem o português; é portador de surdez profunda, adquirida durante a infância, sua mãe acredita que seu desenvolvimento “auditivo” deva-se a uma provável memória auditiva, pois escutava até aproximadamente os dois anos de idade.

4.2 Coleta de Dados

Na realização do presente, o universo pretendido foi: alunos de terceiro grau portadores de surdez, cursando faculdades, universidades de cursos diversos, da região metropolitana de Curitiba. A determinação da amostra, do número de surdos, se deu diante de informações não oficiais, pois estas inexistem. Seguiu-se assim uma pesquisa informal nas associações de apoio aos surdos.

O número obtido foi de nove alunos, dentre estes conseguimos contatar sete sendo que cinco se dispuseram a responder o questionário e as perguntas .

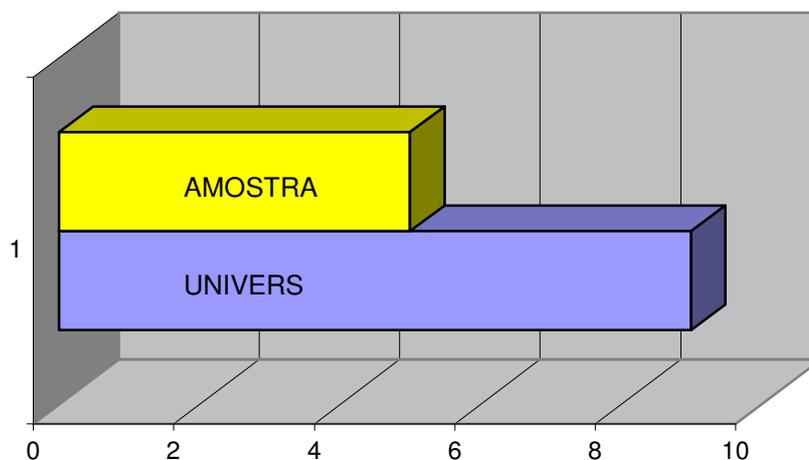


Figura 3: Representação Da Amostra Dentro Do Universo Considerado.

Fonte: Própria

A obtenção dos dados deu-se a partir de um questionário (Apêndice 1) e de perguntas (Apêndice 2), confeccionado pelo pesquisador, atendo-se as características individuais de relevância, segundo Guillon e Mirshawka.

4.2.1 Procedimento

A obtenção de dados foi feita junto ao Ministério da Educação, observa-se que não há um registro específico quanto ao número de surdos que frequentam nossas universidades. Observa-se também uma diminuição do número de escolas especializadas, e uma tendência a inclusão dos alunos com necessidades especiais em classes comuns (Figura 6 e 8). Outro dado fornecido diz respeito ao número de matrículas nas escolas públicas, (Figuras 7, 12 e 14) vem crescendo de maneira significativa.

TIPO DE ATENDIMENTO NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

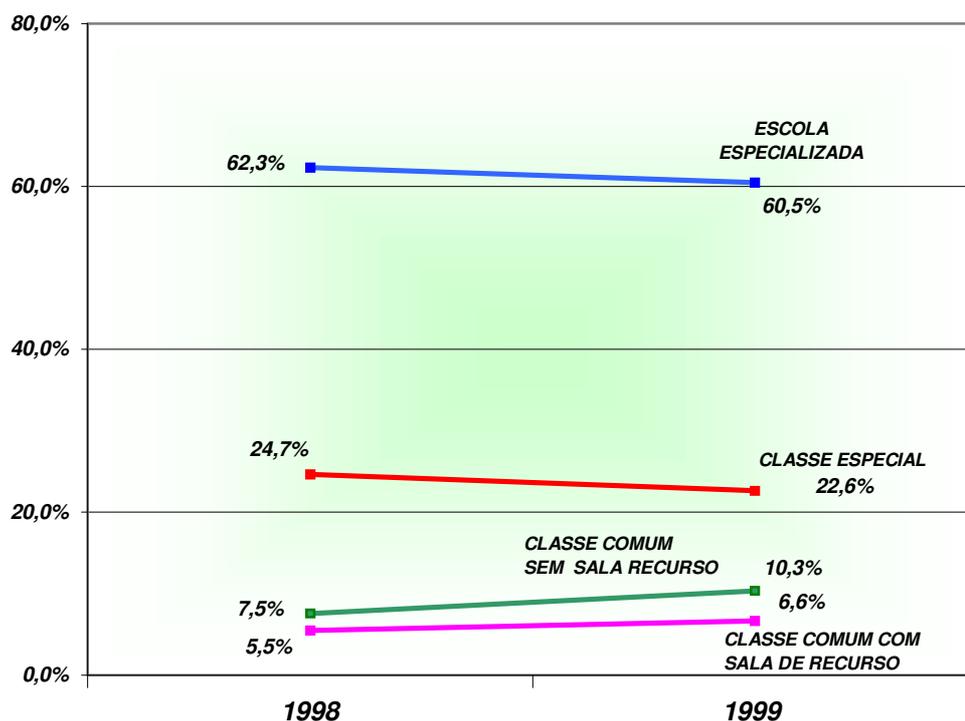


Figura 4: Matrículas da Educação Especial por Modalidade de Atendimento.

Fonte: MEC/INEP/SEEC (1999)

MATRÍCULAS POR REDE DE ENSINO

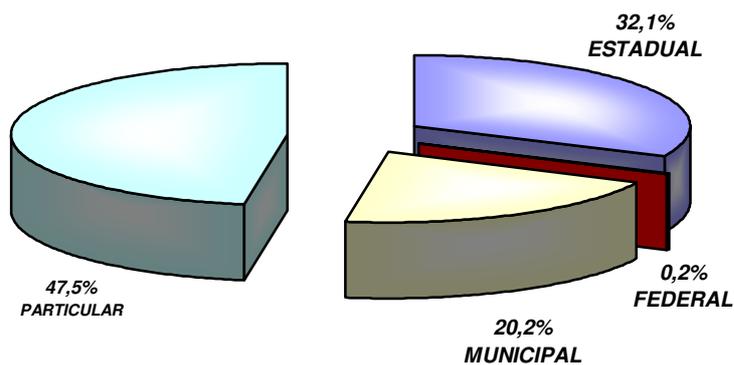


Figura 5: Matrículas da Educação Especial por Rede de ensino.

Fonte: MEC/INEP/SEEC (1999)

(*) DADOS PRELIMINARES

MATRÍCULAS POR MODALIDADE DE ATENDIMENTO

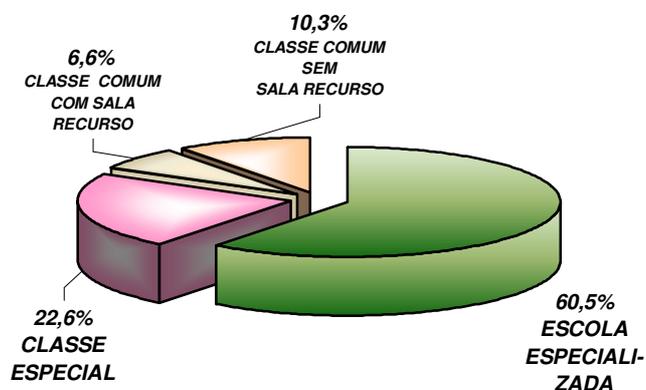


Figura 6: Matrícula Da Educação Especial Por Modalidade De Atendimento.

Fonte: MEC/INEP/SEEC (1999)

(*) DADOS PRELIMINARES

MATRÍCULA POR NÍVEL DE ENSINO

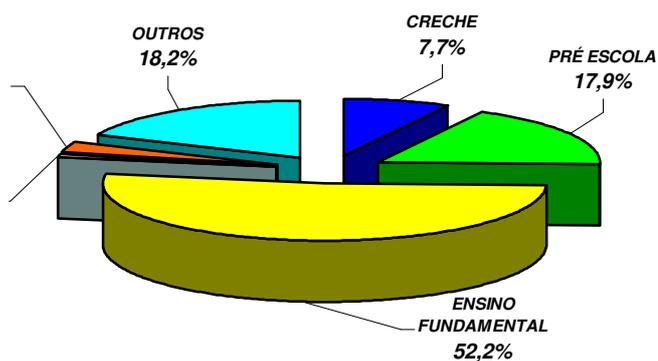


Figura 7: Matrícula da Educação Especial por Nível de Ensino.

Fonte: MEC/INEP/SEEC (1999)

(*) DADOS PRELIMINARES

MATRÍCULAS POR TIPO DE NECESSIDADE ESPECIAL

A

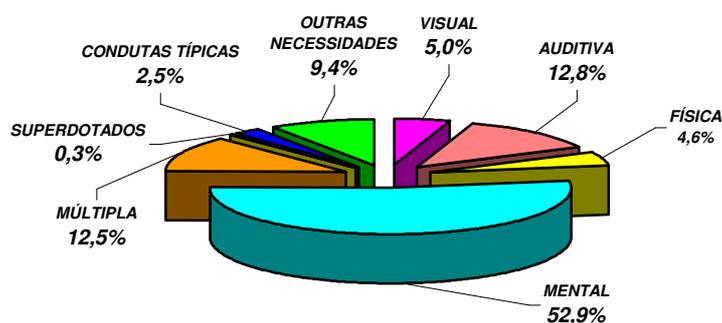


Figura 8: Matrícula da Educação Especial por Tipo de Necessidade Especial.

Fonte: MEC/INEP/SEEC (1999)

(*) DADOS PRELIMINARES

Tabela 1: Alunos com Necessidades Especiais Por Tipo de Deficiência.

CENSO ESCOLAR - BRASIL - 1996 - 1997 - 1998									
ALUNOS COM NECESSIDADES ESPECIAIS POR TIPO DE DEFICIÊNCIA									
TIPO DE NECESSIDADE	1996 QUANT. ALUNOS	DISTR. %	1997 QUANT. ALUNOS	DISTR. %	1998 QUANT. ALUNOS	DISTR. %	1999 QUANT. ALUNOS	DISTR. %	99/96 % DE ACRÉSCIMO
TOTAL BRASIL	201.142	100,0%	334.507	100,0%	337.326	100,0%	374.129	100,0%	86,0%
DEFICIÊNCIA VISUAL	8.081	4,0%	13.875	4,1%	15.473	4,6%	18.629	5,0%	130,5%
DEFICIÊNCIA AUDITIVA	30.578	15,2%	43.241	12,9%	42.584	12,6%	47.810	12,8%	56,4%
DEFICIÊNCIA FÍSICA	7.921	3,9%	13.135	3,9%	16.463	4,9%	17.333	4,6%	118,8%
DEFICIÊNCIA MENTAL	121.021	60,2%	189.370	56,6%	181.377	53,8%	197.996	52,9%	63,6%
DEFICIÊNCIA MÚLTIPLA	23.522	11,7%	47.481	14,2%	42.582	12,6%	46.745	12,5%	98,7%
PROB. DE CONDUTA	9.529	4,7%	25.681	7,7%	8.994	2,7%	9.223	2,5%	-3,2%
SUPERDOTAÇÃO	490	0,2%	1.724	0,5%	1.187	0,4%	1.228	0,3%	150,6%
OUTRAS	-	-	-	-	28.666	8,5%	35.165	9,4%	22,7%

Fonte: MEC/INEP/SEEC (1999)

(*) DADOS PRELIMINARES

Tabela 2: Distribuição por Rede de Ensino Dos Alunos com Necessidades Especiais

CENSO ESCOLAR - BRASIL - 1996 - 1997 - 1998 - 1999

DISTRIBUIÇÃO POR REDE DE ENSINO DOS ALUNOS COM NECESSIDADES ESPECIAIS

REDE DE ENSINO	1996		1997		1998		1999		99/96 % DE EVOLUÇÃO
	QUANT. ALUNOS	DISTR. %	QUANT. ALUNOS	DISTR. %	QUANT. ALUNOS	DISTR. %	QUANT. ALUNOS	DISTR. %	
TOTAL BRASIL	201.142	100,0%	334.507	100,0%	337.326	100,0%	374.129	100,0%	86,0%
REDE MUNICIPAL	29.591	14,7%	48.164	14,4%	62.962	18,7%	75.505	20,2%	155,2%
REDE ESTADUAL	90.688	45,1%	123.461	36,9%	115.424	34,2%	119.946	32,1%	32,3%
REDE FEDERAL	938	0,5%	1.157	0,3%	898	0,3%	840	0,2%	-10,4%
REDE PARTICULAR	79.925	39,7%	161.725	48,3%	158.042	46,9%	177.838	47,5%	122,5%

Fonte: MEC/INEP/SEEC (1999)

(*) DADOS PRELIMINARES

EVOLUÇÃO DA MATRÍCULA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL.

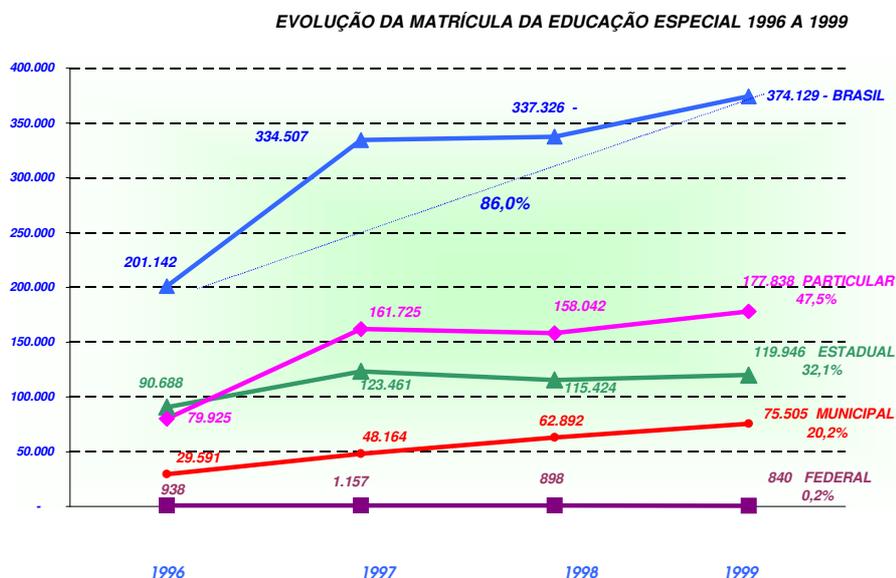


Figura 9: Evolução da Matrícula da Educação Especial.

Fonte: MEC/INEP/SEEC (1999)

(*) DADOS PRELIMINARES

**PERCENTUAL DE CRESCIMENTO DA MATRÍCULA DE 1998 PARA 1999
POR REDE DE ENSINO**

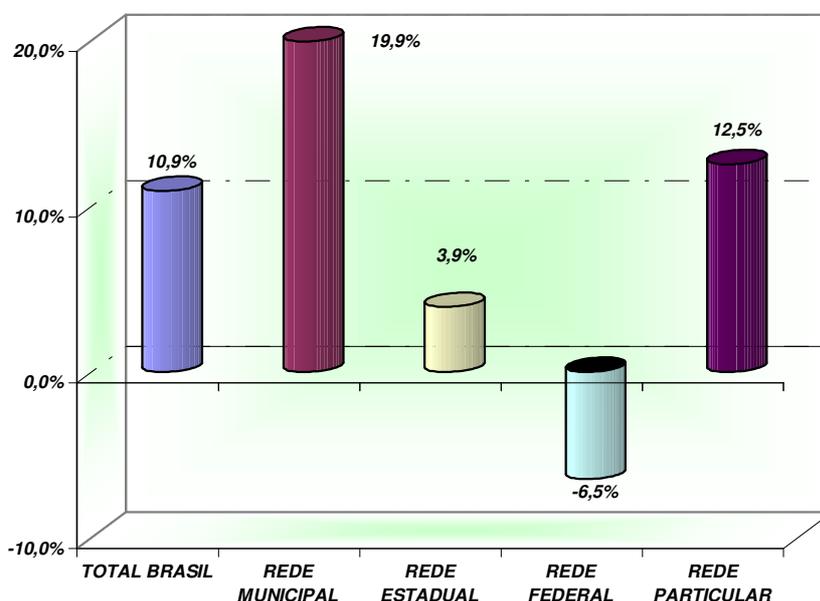


Figura 10: Percentual de Crescimento da Matrícula por Rede de Ensino

Fonte: MEC/INEP/SEEC (1999)

(*) DADOS PRELIMINARES

Diante da insatisfação quanto aos dados fornecidos, procurou-se buscar informações nas universidades e faculdades de tamanho e áreas diferentes, na região metropolitana de Curitiba (Apêndice 3).

A realidade não se mostrou diferente, não se tem dados estatísticos quanto ao número de deficientes auditivos nas escolas de segundo grau nem o número de alunos surdos no terceiro grau.

Empenhou-se então, a partir deste fato, em obtermos informações junto às universidades.

Nas de menor porte, sabe-se sobre alunos com deficiência física, não possuem registro, este é feito de maneira informal (o número de alunos é menor, tem-se a possibilidade de um relacionamento mais estreito) o registro não é feito para não se causar constrangimento ao aluno.

Nossa pesquisa “levou-nos” até o Instituto de Educação do Paraná (Escola de segundo grau), tendo esta instituição de ensino, uma profissional especialista em deficientes auditivo, por seu intermédio entramos em contato com uma instituição

não governamental intitulada “A voz do silêncio”, que nos ajudou enviando o nome dos alunos.

Inicialmente o contato foi feito via telefone com seus responsáveis, e em seguida pessoalmente.

Obteve-se a informação que existe um número de nove estudante com problemas auditivos cursando o terceiro grau, nas universidades de Curitiba.

Foram então agendadas e feitas entrevistas individuais, com cinco destes alunos.

4.3 Análise dos Dados Obtidos

A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo. A delimitação é feita, pois, em campo onde a questão inicial é explicitada, revista e reorientada a partir do contexto e das informações das pessoas ou grupos envolvidos na pesquisa (CHIZZOTTI, 1985, p 81).

As informações são coletadas, individualmente, apenas dando o significado das questões, não induzindo as respostas dos entrevistados.

Preocupou-se ser fiel as respostas dos alunos e relacioná-las de maneira objetiva com o estudo feito.

Para se manter a identidade dos entrevistados em sigilo, a análise dos dados foi feita sem seguir nenhuma seqüência, isto é, o aluno x não corresponde necessariamente ao primeiro entrevistado.

4.3.1. Resultado do estudo de caso

O questionário (APÊNDICE 1) foi confeccionado visando inserir os alunos dentro de uma das três características de aprendizado, cinestésicas, auditivas, visuais.

O resultado percentual registrado a seguir, tem como objetivo, demonstrar as características de como as pessoas aprendem.

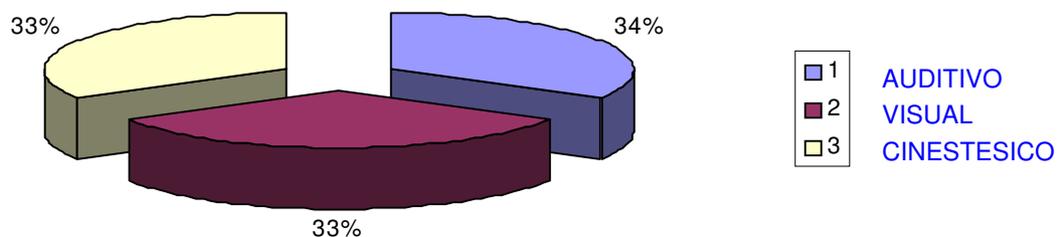


Figura 11: Representação Das Características Apontadas Por Guillon E Mirshawka.

Fonte: Própria.

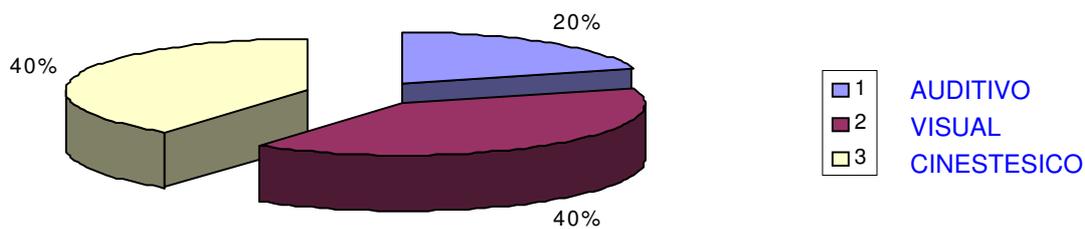


Figura 12: Primeiro Entrevistado.

Fonte: Própria.

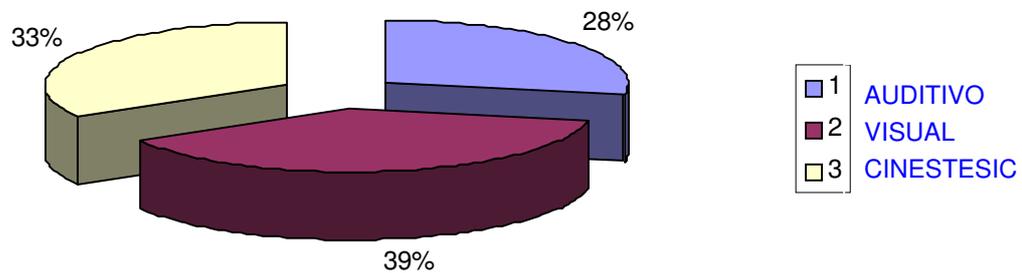


Figura 13: Segundo Entrevistado.

Fonte: Própria.

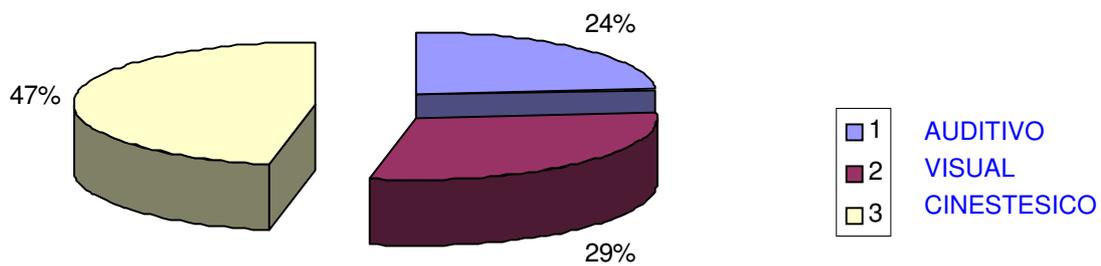


FIGURA 14: TERCEIRO ENTREVISTADO.

Fonte: Própria.

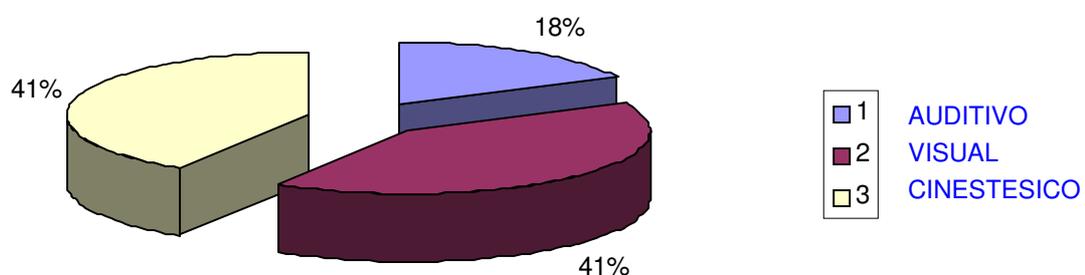


Figura 15: Quarto Entrevistado.

Fonte: Própria.

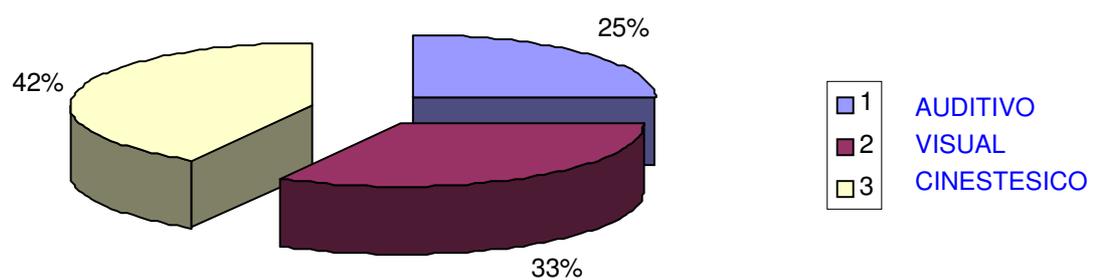


Figura 16: Quinto Entrevistado.

Fonte: Própria.

Analisando o resultado obtido com o primeiro (Figura 12) e o quarto entrevistado (Figura 15), determina-se a proximidade percentual quanto as características visuais e cinestésicas. Determina-se que estas são características marcantes entre todos os alunos. A preferência por aulas práticas ou aulas com forte apelo visual, foi evidenciada na entrevista/questionário com estes alunos, e veio a ser corroborada pelo teste. Quando tentam acompanhar o professor através de leitura labial ou através do quadro negro, seu rendimento, e muitas vezes o interesse pela disciplina são prejudicados. O primeiro entrevistado (Figura 12) é aluno de desenho industrial, o quarto (Figura 15) entrevistado cursa engenharia elétrica.

O terceiro entrevistado (Figura 14) cursa engenharia da computação, e é jogador de basquete, observe sua forte característica cinestésica. O segundo entrevistado (Figura 13) é o que está encontrando maiores dificuldades de adaptação no ambiente universitário, é o que apresenta uma distribuição proporcional mais equilibrada entre todos. Porém, quando argüido sobre sua preferência, se por aulas práticas ou teóricas, não sabe responder. Ficou em dúvida sobre as aulas teóricas, pois quando acompanhado de aulas particulares, apresentava um rendimento satisfatório, hoje pensa em mudar de curso, quer “algo ligado a estatística”.

Para corroborar com o estudo e os dados levantados durante este trabalho, apresentamos três textos feitos pelos entrevistados, em resposta a pergunta feita durante a entrevista (Apêndice 2)

(Descreva como você é tratado pelos seus professores e colegas, dentro da sala de aula.)

Texto 1-Aluno X

“Sou surdo, ainda estou sofrendo, porque os professores falam muito, mexe muito, andar, vira de costa, etc. que eu não consigo entender. Os professores não conhecem muito bem sobre surdo, se eles conhecem, fiquei muito mais fácil de comunicar e conversar. Agora estou vivendo na Universidade, eu preciso uma interprete todos dias, por isso eu preciso entender claro o que os professores falam e quero aprender e explorar do conhecimento e não quero perder as matérias, mas já perdi muita coisa.

Eu tenho um colega, ensinei libras para ele aprender, e agora nós estamos com facilidade de comunicar em qualquer lugar.

Estava em 8 série, os colegas me acham que sou burro, por isso é um problema de português, eu não consegui comunicar com elas, não foi fácil, até agora. Mas eu ainda enfrento problemas na minha vida e tenho as pessoas me auxiliam, por exemplo fono, pedagoga, psicóloga a minha família para eu melhorar.”(portador de surdez bilateral, profunda)

Texto 2-Aluno Y

“Alguns professores bons, simpáticos, inteligentes e antipáticos me ensinam bastante.

Entendo a letra dos professores no quadro-negro e leio mais ou menos lábios dos professores. Os professores escrevem para falar também.

Os colegas bons me ajudam e falam. Outros colegas chatos, ruins e bobos não querem ajudar, ensinar e falar.

O curso universitário de informática é muito legal, difícil e bom.

Eu tirei algumas notas boas ou ruins e tenho dificuldades das matérias mais difíceis

Adoro matemática e lembro bastante, os professores bons de matemática me ensinaram bastante no 2º grau.

Eu quero trocar de curso.

A faculdade não permite que vou trocar de curso e tenho dependências.

Tenho aulas de manhã (2º ano) e de noite (dependências sempre)” (surdez profunda).

Texto 3-Aluno Z

“Depende. Pelo grau da minha surdez e pelas aptidões que tenho, alguns professores me dão atenção especial por seus motivos, ou seja, um me dá atenção por ser simplesmente surdo, outro me dá atenção por ser surdo apto, outros por obrigação social, mas esses professores enquadram dos de muito pouco que fazem isso, sendo que a maioria fica indiferente da presença de um aluno surdo, ainda que ele tenha sido avisado por tantas vezes.

Em relação aos colegas, isso fica tanto na sensibilidade alheia quanto às aptidões socio-psicológicas do aluno surdo” (surdez de moderada a grave).

Os textos acima foram transcritos na íntegra, sem correção do português, colocação de acentuação ou qualquer outro tipo de correção que fosse necessária.

Durante a entrevista, conversamos com as mães dos alunos, de uma maneira informal para que pudéssemos saber mais sobre a escolha do curso, se observaram uma aptidão pela futura profissão que escolheram, desde que eram pequenos ou se as circunstâncias o levaram (o surdo) ao curso que fazem atualmente.

4.4 Comentando o Conteúdo dos Relatos

Retirando a opinião dos alunos entrevistados, observa-se o despreparo e muitas vezes falta de vontade de alguns professores ("um me dá atenção por ser simplesmente surdo, outro me dá atenção por ser surdo apto, outros por obrigação social, mas esses professores enquadram dos de muito pouco que fazem isso, sendo que a maioria fica indiferente da presença de um aluno surdo, ainda que ele tenha sido avisado por tantas vezes"). Este despreparo deve ser trabalhado, e também deve ser levado em consideração a "vontade" do professor em trabalhar com o surdo.

A dificuldade de acesso do surdo ao terceiro grau faz com que não tenhamos por semestres seguidos, surdos nas classes de aula, o que dificulta que o professor tenha o hábito de ministrar aulas para alunos surdos; também existe o problema do número reduzido de intérpretes. Não se tem registro estatístico de surdos em universidades federais. O acesso a eles é praticamente negado devida a alta concorrência, o surdo não apresenta somente problemas de português, nota-se que muitas vezes apresenta problemas de interpretação de texto. Se pensarmos no surdo como uma pessoa que fala uma outra língua, poderemos entender o que se passa com ele em termos de língua portuguesa.

Observa-se nos textos referência a maneira como o professor se comporta em sala de aula "...falam muito, mexe muito, andar, vira de costa, etc...", se houver uma constância de alunos surdos em sala de aula, este tipo de comportamento poderá ser modificado com o tempo. pois não há preparo dos professores para atender aos alunos com necessidades especiais.

4.5 O Aluno Surdo e Seu Direito a Igualdade de Tratamento

Novamente, não há registro estatístico de alunos surdos em universidades federais, isto demonstra quão despreparados estão quando se trata do vestibular. As universidades federais apresentam os vestibulares mais concorridos do país, não somente pelo nível de ensino mas também por não serem pagas.

A constituição brasileira assegura a todos os cidadãos brasileiros a igualdade de tratamento, o cidadão surdo não tem seu direito garantido, devido as atuais políticas de acesso ao terceiro grau.

Deve-se preparar o surdo para atuar no mercado de trabalho dando-lhes subsídio para que concorra com igualdade no mercado de trabalho. Mas o preconceito e a falta de informações dificulta a integração do surdo no mercado de trabalho, não deixando que o mesmo mostre sua capacidade.

As escolas de primeiro e segundo graus são formativas, de cultura geral, não preparam, na maioria das vezes (exceto as escolas técnicas), para atuarem no mercado de trabalho.

Segundo o INES, os surdos têm desempenhado muito bem as funções relacionadas à serviços gráficos, à digitação (na informática), a serviços bancários e administrativos, as funções docentes, entre outras. Se limitarmos as funções limitaremos os profissionais.

Discordando do INES há, atualmente na ULBRA, 45 estudantes que freqüentam cerca de 17 cursos, entre eles educação física, pedagogia, engenharia mecânica, geografia, desenho industrial, informática, fisioterapia, farmácia, biologia, matemática, educação artística, arquitetura, serviço social, história etc.

4.6 Proposta de Alternativas Metodológicas

4.6.1 Ensino a distância para portadores de surdez

O aluno surdo estaria assistindo aula, em frente a uma televisão, podendo ver o rosto de seu professor ampliado, poderia se quisesse ler os lábios, ou a aula poderia ser apresentada com legendas, os professores deveriam tomar cuidado em falar de maneira mais pausada, confeccionar aulas com grande apelo visual; nas aulas presenciais promover aulas práticas, deve-se ter o cuidado de nenhum professor, do sexo masculino, possuir bigode.

4.6.2 Treinar professores

Das alternativas levantadas foi a mais debatida, o treinamento de professores estaria justificado se estivesse garantida a presença de alunos surdos em todos os semestres da faculdade, isto é, a garantia de que em cada concurso vestibular realizado, teríamos o ingresso de um surdo.

Poder-se-ia trabalhar no processo de acesso não atrelando seu ingresso pelo concurso vestibular, levaria-se em conta seu histórico escolar, por exemplo.

Deve fazer parte da personalidade do professor que vier a trabalhar com o surdo:

- Ser paciente- talvez esta seja a principal característica a ser observada.
- Ser simpático
- Ser criativo
- Não ser autoritário

O INES traz recomendações aos “ professores Regentes das Classes Comuns” (Anexo) e baseado nestas recomendações confeccionou-se a ação comportamental dos professores do terceiro grau, em sala de aula.

Treinamento dos professores

- Use vocabulário simples.
- Usar sinônimos.
- Procurar falar pausadamente, usando uma articulação normal, não exagerada,
- Utilize a voz com intensidade normal, falar alto faz com que a articulação fique forçada.
- Não andar muito em sala de aula
- Tentar se posicionar de frente ao surdo, de maneira que ele possa ver seu rosto.
- Certifique-se que seu rosto esteja iluminado.
- Não cubra seus lábios (não use bigode)
- Use gestos naturais com as mãos.
- Converse com o surdo.
- Trate-os da mesma forma com que trata um aluno ouvinte, fazer exercícios no quadro, responder as perguntas, por exemplo.
- Utilize de recurso didáticos visuais
- Se possível exemplificar o que esta sendo ensinado através de experiências praticas
- Motivá-los (isto serve para qualquer educando) através de exemplos e aplicações praticas.
- Procurar integrá-los com o restante da turma
- Trabalhar a própria incompreensão em relação ao surdo
- Não o subestime
- Reforce o conteúdo apresentado, o surdo tem o predomínio da memória visual portanto esquecem com facilidade.

4.6.3 Estratégias de ensino (aula expositiva, seminário e projetos)

Aula Expositiva:

Como o próprio nome diz, técnica empregada onde o foco principal é a exposição do conteúdo, de forma oral ou escrita. Nesta técnica o que tem maior relevância é a comunicação, sem ela não ocorre a transmissão e nem a recepção da informação de forma correta. Este tipo de aula, a mais utilizada pelos professores e

sem dúvida a técnica de ensino mais antiga, e a que proporciona as maiores dificuldades aos surdos.

Para alcançar seus objetivos a aula expositiva requer cuidados.

Considerar o tipo de público - Aqui o professor que possui um aluno surdo, ciente deste fato, devera escolher um vocabulário de fácil compreensão, estruturar o assunto de maneira que todos possam fazer analogias com exemplos práticos.

Definir os objetivos com clareza - O ritmo que terá a atividade em sala de aula será dada pela precisão e clareza dos objetivos expostos. Este procedimento deverá estimular os participantes, promovendo uma interação entre os alunos na busca dos objetivos

Comunicação oral - Aqui a maior dificuldade para quem esta acostumado a só trabalhar com ouvintes, deve cuidar de sua postura em sala de aula, falar com clareza em tom normal, sem exagerar nos gestos, deve procurar se posicionar na sala de aula de modo que possa ser observado pelo surdo, o que falar deve ser escrito no quadro. Ao trabalhar com livros, apostilas artigos etc. deverá tomar o cuidado de observar se condiz com as habilidades atuais de seus alunos.

O professor com a utilização da aula expositiva deve utilizar da teoria das inteligências múltiplas para estimular em seus alunos surdos e ouvintes o desenvolvimento de algumas inteligências.

A inteligência interpessoal, promovendo trabalhos em equipe. Com isto estará dando a oportunidade a seus alunos de se relacionarem entre si. Estará promovendo tanto ao surdo como ao ouvinte a oportunidade de trabalhar a maneira como se relacionam, estará promovendo a inteligência interpessoal através de seu auto conhecimento, ajudará ao surdo no desenvolvimento de sua inteligência lingüística forçando-o a se comunicar de forma oral ou escrita, conforme sua habilidade.

Seminário:

Técnica pedagógica que procura trabalhar com os alunos em grupo ou de maneira individual. Na viabilização de um seminário o aluno deverá entender com clareza os temas ou os problemas apresentados. Através de um esforço pessoal e do grupo, demonstrar com clareza o tema abordado ou encontrar a solução para o problema apresentado. Neste caso além das inteligências, lingüística, interpessoal e

intrapessoal trabalha-se com a inteligência lógica e na apresentação do tema trabalha-se com a inteligência corporal.

Projeto:

Este tipo de técnica serve para o estudante atingir maturidade, e confiança, pois visa simular o que o futuro profissional deverá encontrar no mercado de trabalho. Quase todos os tipos de inteligência são trabalhadas nesta técnica.

O processo de ensino não é ação de um único indivíduo mas de uma equipe, do professor e de seus alunos. A mistura das estratégias estimula o ensino e o aprendizado.

Cabe tanto ao aluno como ao educador investigar o melhor processo e a melhor técnica a ser empregada. As ferramentas para isto estão sendo estudadas e fornecidas, cabe agora escolhê-las com sabedoria e sensibilidade, e promover sua aplicação.

4.7 Síntese do Capítulo

Observa-se a partir dos estudos realizados, que na alfabetização dos surdos empregam-se as mesmas metodologias utilizadas com os ouvintes, alia-se a elas as técnicas de ensino utilizadas para que o surdo consiga entender o que está sendo ensinado.

Técnicas estas que dependem de apoio de fonoaudiólogos, psicólogos e do fundamental apoio da família. Porém mesmo com todo este apoio, o resultado não está sendo satisfatório, haja visto os dados estatísticos.

Levando-se em consideração os relatos destas pessoas percebemos o descaso da maioria dos professores. Descaso este, devido a falta de informação a respeito desta minoria.

Algumas ações estão sendo tomadas por diversos países, para solucionar o problema, na Declaração de Salamanca (anexo 6), um fórum mundial reunidos em Salamanca, Espanha, entre 7 e 10 de junho de 1994, onde foram assumidos compromissos reconhecendo o direito de todos à educação, e formularam recomendações para a minimização do problema. Aqui no Brasil, o Ministério da

Educação faz recomendações às instituições de ensino, para que se dispense uma atenção especial quanto a prova de português, a maior dificuldade dos surdos. Se as correções das provas de português não forem feitas levando em consideração apenas o aspecto semântico (significado) do texto, os mesmos não terão nenhuma chance de igualdade. Por melhor que seja a intenção do governo, o controle, para saber se as recomendações estão sendo cumpridas, se torna impossível de ser feito.

Todos os portadores de surdez deveriam ter a ajuda de profissionais experientes, porém os dados são alarmantes. Segundo a Organização Mundial de Saúde, 7% da população mundial é portadora de algum tipo de perda auditiva, no Brasil calcula-se que a percentagem seja bem maior.

O número de Otorrinolaringologistas atuantes no país é assustadoramente baixo segundo a OMS, são de apenas 5 mil, sendo que 80% atuam no eixo Rio-São Paulo.

Através dos dados fornecidos pelo MEC, percebe-se que não temos uma informação precisa quanto ao número de universitários surdos. Quem possui, estas informações, são as organizações não governamentais, mesmo assim, de maneira informal. A vantagem é que através destas organizações podemos ouvir e conversar com os surdos.

Aprendemos com os entrevistados que alguns graus de surdez não necessitam de intérpretes de LIBRAS, e se, os professores forem treinados, daria ao surdo a possibilidade de um aproveitamento escolar mais eficaz, tanto a nível de primeiro quanto de segundo graus.

A característica percentualmente mais significativa determinada por intermédio do questionário, foi a visual, o que era esperado. O problema é que esta característica em termos de educação, não produz um aprendizado permanente. O que faz com que os alunos tenham um aproveitamento escolar razoável é a junção das outras características. E todas devem ser exploradas em técnicas educacionais.

Na soma de esforços, a determinação da vocação indicando a área de conhecimento em detrimento de outras, poderia vir a ser trabalhada no intuito de reforçar o aprendizado e conduzir melhor o aluno nas suas deficiências. Isto pode ser determinado através da personalidade do indivíduo(Gardner).

CAPITULO 5 CONCLUSÕES E FUTUROS TRABALHOS

5.1 Conclusões.

As técnicas e as abordagens pedagógicas de ensino empregadas na alfabetização dos surdos, são direcionadas a sua debilidade, observa-se que nem sempre o objetivo educacional é alcançado. Em determinado ponto de sua educação, são estimulados a ter uma autonomia e recebem o incentivo de seus educadores para que freqüentem as escolas de ouvintes. Esta convivência, nem sempre é bem recebida pelo ouvinte e pode tornar-se emocionalmente problemática para o surdo. Para uma melhor e mais rápida adaptação seria bom que tivessem o acompanhamento de fonoaudiólogos e de psicólogos.

Os textos apresentados no capítulo quatro foram escritos por estudantes que já se encontram cursando o primeiro e segundo anos de diferentes universidades. Possuem características em comum, são filhos de pais de classe média alta. Continuam recebendo tratamento especializado. Mas, mesmo com todo o apoio estrutural o problema de morfologia e interpretação persiste. Isto só não compromete o desenvolvimento escolar, quando recebem a atenção necessária dos educadores.

Quando o surdo consegue acesso ao terceiro grau, ele possui, na maioria das vezes, uma boa leitura labial, portanto pode ter acesso ao mesmo sistema educacional de um não surdo, sem que necessite da presença de intérpretes em todas as disciplinas. Mas, ainda, devido a sua deficiência e a ignorância de alguns, encontram fortes barreiras na efetivação de sua educação e posterior acesso ao mercado de trabalho.

É necessário a promoção de um estreitamento nas relações do professor que estiver atuando com o aluno surdo, dando ao professor o apoio necessário para que transmita o conhecimento de maneira eficaz. Por outro lado é necessário que o surdo saiba da dificuldade de adaptação dos professores, a inconstância de surdos em sala de aula faz com que o professor não adquira uma rotina comportamental. Para isto as instituições de ensino de terceiro grau deveriam promover um acesso diferenciado, talvez levando em consideração seu rendimento escolar e também por meio de entrevista com profissional especializado em educação com surdos, ou simplesmente avaliando adequadamente, o aluno portador de deficiência auditiva.

Também ficou evidenciado a inexatidão dos dados e o despreparo das instituições governamentais, em se tratando das estatísticas com relação a educação especial, estas deveriam ser diferenciadas e acompanhadas por regiões. Há de se reconhecer que campanhas são feitas para a detecção e combate da surdez. Mas não há dados recentes que permitam avaliar os resultados destas campanhas.

O problema maior ainda é a falta de diferenciação das deficiências, que coloca o surdo, por exemplo, na mesma categoria de um deficiente mental, não tendo portanto, ações para a minimização do problema quando se fala em educação.

5.2 Recomendações para futuros trabalhos.

1- Ensino a Distância-uma alternativa para o desenvolvimento profissional do surdo.

Podemos conceituar educação a distância como um auto estudo, aonde o aluno por intermédio da tecnologia , recebe a educação desejada. Este procedimento possibilita a um maior número de pessoas o acesso à profissionalização. Um dos maiores benefícios do ensino a distância esta na democratização do estudo, não importa aonde você resida, terá a oportunidade de obtenção de uma educação de qualidade, um aperfeiçoamento profissional, um contato com informações variadas por intermédio de profissionais habilitados para trabalhar com o ensino a distância.

Segundo Moore, citado por NisKier (2000, p.50)

Educação à distância é a educação planejada que geralmente ocorre num local diferente do ensino, e por causa disto, requer técnicas especiais de desenho de curso, técnicas especiais de instrução, métodos especiais de comunicação através da eletrônica e outras tecnologias, bem como arranjos essenciais organizacionais e administrativos.

O ensino a distância não é uma ferramenta de ensino recente, a Gazeta de Boston em 20 de março de 1728, oferece , em um anuncio “material para ensino e tutoria por correspondencia” Retrocedendo muito mais, vemos exemplos na Bíblia

,as cartas do apóstolo Paulo aos cristãos de roma, Corinto, Colossos, as de São João, as de São Pedro, etc. (LANDIN, 2000, p.2).

A primeira instituição de ensino criada oficialmente nos moldes que entendemos como ensino a distância,foi a *British Open University*, seus cursos se iniciam em 1971 e desde então com uma grande expansão. (LANDIN, 2000, p.4).

No Brasil ,o Instituto Universal é um bom exemplo de ensino a distância, outros seriam os telecursos, porem a nível de segundo grau.

O Ines possui cursos a distância para surdos, nenhum de extensão a nível de terceiro grau.

Recomenda-se então a concecução e viabilização de estudos que possibilitem a utilização do ensino a distância para estudantes surdos.

Em regiões aonde o acesso a “softwares” pode se tornar difícil, devido ao fator financeiro, poderia-se levar a educação profissional através de fitas de vídeo, concomitantemente agendaríam-se algumas aulas presenciais.

Cursos permanentes via Internet, para estudantes surdos e não surdos(tendo o cuidado de confeccionar um dicionário de sinônimos, para facilitar a compreensão do texto pelo surdo), tanto de formação como de extensão universitária.

2 -Determinação da Identidade Surda

Quem é o indivíduo surdo, sua relação com a família, com os colegas ouvintes e com os colegas surdos. Quais os seus medos? Seus anseios? Sua relação com o mundo. Quais os seus valores?

3-O surdo e sua sexualidade

Segundo alguns psicólogos o surdo tem defasagem no conhecimento sobre sexualidade. Este é um tema que poderia ser estudado e trabalhado com o surdo.

4-O posicionamento do professor ouvinte e do aluno surdo em sala de aula para uma melhor leitura labial.

Em uma sala de aula normal poderíamos posicionar o aluno surdo para que ele tivesse uma melhor visualização do rosto do professos, e estabelecer limites de movimentação para o professor, de forma a não prejudicar o aluno.

5-O surdo e a inclusão

O desenvolvimento do surdo dentro das classes de ouvintes, os pontos positivos os pontos negativos e sugestões.

6-Realizar uma pesquisa ampla

Apesar de ser uma proposta mais ousada, poderia ser realizada com o auxílio de outras instituições. Poderia até mesmo ser realizada num contexto mais amplo, envolvendo a construção de um perfil para o ensino especial.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, D.; NOVAK, J.; HANESIAN, H. **Educational psychology**: a cognitive view. Holt. New York: Rinehart and Winston, 1978.

BERNARDINO, E. L. **Absurdo ou Lógica**: os surdos e sua produção lingüística. Belo Horizonte: Projetando Vida, 2000.

BOTELHO, P. **Segredos e Silêncios na Educação de Surdos**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 1998.

BRITO, L. F. **Integração Social e Educação de Surdos**. Rio de Janeiro: Editora Babel, 1993.

BRUNNER, J. **Uma Nova Teoria de Aprendizagem**. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1968. Trad. de Norah Levy Ribeiro

CIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Editora Cortez, 1995.

CICCONE, M. M. **Comunicação total**. In **Surde**: abordagem geral. Rio de Janeiro: Feneis, 1995.

DEWEY, J. **Democracia e Educação**. São Paulo: Editora Nacional, 1959.

FERNANDES, E. **Problemas Lingüísticos e Cognitivos do Surdo**. Rio de Janeiro: Agir, 1990.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

GARDNER, H. **Estruturas da Mente**: a teoria das inteligências múltiplas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GÓES, M. C. R. **Linguagem, Surdez e Educação**. Campinas: Autores Associados, 1996.

GAGNÉ, M. E. **Como se Realiza a Aprendizagem**. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1974.

GUILLON, A. B. B. e MIRSHAWKA, V. **Reeducação**: qualidade, produtividade e criatividade: caminho para a escola excelente do século XXI. São Paulo: Makron Books, 1994.

LANDIN, C. M. M. P. F. **Educação a Distância**: algumas considerações. Rio de Janeiro: Registro na Biblioteca Nacional, 1997.

LINDGREN, H. C. **Psicologia na Sala de Aula**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1971.

MOULY, G. J. **Psicologia Educacional**. São Paulo: Editora Pioneira, 1973.

MARCHETTI, A. P. C. **Aula Prática e Projeto no Ensino de Engenharia**: um estudo exploratório utilizando a teoria das inteligências múltiplas.2001. Dissertação (Mestrado em Engenharia da Produção) Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, 2001.

MARQUES, J. C. **Os Caminhos do Professor**. Porto Alegre: Editora Globo, 1976.

MASETTO, M. T.; ABREU, M. C. **O Professor Universitário em Aula**: prática e princípios teóricos.. São Paulo: Mg Associados LTDA ,1990.

MORAN, J. M. **Mudar a Forma de Ensinar e de Aprender**: transformar as aulas em pesquisas e comunicação presencial-virtual. São Paulo, 1999.

NISKIER, A. **Educação a Distância**: a tecnologia da esperança. São Paulo:Edições Loyola,1999, Edição, 2000.

PAVIANI, J. **Problemas da Filosofia de Educação**. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1987; Edição, 1990.

PIAGET, J. **A Equilíbrio das Estruturas Cognitivas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

PIAGET, J. **Biologia e Conhecimento**. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

PRIETO, R. G. **Política Educacional do Município de São Paulo**: estudo sobre o atendimento de alunos com necessidades educacionais especiais no período de 1986 a 1996. 2000. Doutorado (Faculdade de Educação) Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação. 2000.

QUADROS, R. M. **Educação de Surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

REBOUL, O. 1925. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Editora Nacional, 1988.

RIBEIRO, N. **Uma Prática para o Desenvolvimento das Múltiplas Inteligências. Aprendizagem com Projetos**. Editora Érica: São Paulo, 1998.

ROGERS, C. **Tornar-se Pessoa**. Editora Martins Fontes, 1988.

RÚDIO, F. V. **Introdução ao Projeto de Pesquisa**. Petrópolis: Editora Vozes, 1980.

SÁ, N. R. L. **Educação de Surdos**: a caminho do bilinguismo. Niterói, Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1999.

SACKS, O. **Vendo Vozes**: Uma jornada pelo mundo dos surdos. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

SMOLE, K. **A Matemática na Educação Infantil, A Teoria das Inteligências Múltiplas na Prática Escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

SKLIAR, C. **Educação e Exclusão**: abordagens sócio-antropológicas em educação especial. Porto Alegre: Mediação, 1997.

SKLIAR, C. **Atualidade da Educação Bilingüe para Surdos**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

SKLIAR, C. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação 1998.

TURRA, C. M. G. **Planejamento de Ensino e Avaliação**. Porto Alegre: Sagra, 1982.

VYGOTSKY, L. S. **A formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins fontes, 1987.

VYGOTSKY, L. S.; LEONTIEV, A. R.; LURIA, A. N. **Linguagem, Desenvolvimento E Aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1988.

WALIN, L. O Estudo da Língua de Sinais na Sociedade, Revista espaço, Rio de Janeiro, ano2, n. 3, 1992.

Associação de Reabilitação e Pesquisa Fonaudióloga, ARPEF. **O método de Educação da audição e linguagem**. 2002. Disponível em: <<http://www.arpef.org.br/verbotonal.htm>>. Acesso em: 12 de março de 2002.

Assembléia Constituinte Francesa. **Declaração dos Direitos do Homem**. 1789. Disponível em: <<http://www.historianet.com.br/main/conteúdos.asp?>>. Acesso em: 20 de agosto de 2001.

Clip Informática. **Clip Informática transmite programa para surdos**. 2001.

Disponível em: <<http://www.clipinfo.com.br/releases/cp1110.htm>>. Acesso em: 20 de setembro de 2002.

DIAS, V. L. L. **Educação e surdez: um paradigma pedagógico**. 2002. Disponível em: <<http://www.ines.org.br/páginas/revista/debate4.htm>>. Acesso em: 21 de fevereiro de 2002.

Gallaudet University. **Informations About Deaf: for and about deaf and hard of hearing people.** 2002. Disponível em:
<<http://www.gallaudet.edu/choosegallaudet.htm>>. Acesso em: 28 de agosto de 2002.

GALLARDO, T. **Sistemas de Educaciones Del Niño Sordo.**2000.Disponível em:
<<http://www.quadernsdigital.net/numeros.asp?IdRevista=39&Idnumero399>>. Acesso em 10 de março de 2001. Tradução própria

Instituto Nacional de Educação de Surdos, INES. **Mundo do surdo.** 2002. Disponível em:<<http://www.ines.org.br>> Acesso em 20 de maio de 2002.

MELLO, A. G. **Manifesto dos Surdos Oralizados.** Disponível em:<<http://www.aja.org.br/surdos/manifestoralizados.htm>>. Acesso em 25 de agosto de 2002.

MONREAL, T. **El Problema de la Investigacion.** 1995. Disponível em:<<http://www.Integrando.org.ar/investigando/tesinasordos/problema.htm>> Acesso em 10 de outubro de 2002. Tradução Própria.

MARTINS, S. **Implicações educacionais da surdez .**2001.Disponível em:
<<http://www.saulapedagoga.hpg.ig.com.br/Principal.htm>> Acesso em: 24 de nov. 2001.

BRASIL. Congresso. Senado. Projeto de Lei 131, de 1996: dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e de outras providências. Redação Alternativa. Coleção de **Leis da República Federativa do Brasil, Ministério da Justiça.** (1996)

Pastoral do Surdo, EFFATA. **Internet e Surdos:possibilidades infinitas.** 2001. Disponível em:<<http://www.iffata.com.br>>. Acesso em: 2 de fevereiro de 2002.

Project Reports. **Relevants links.** 2002. Disponível em:
<<http://www.bris.ac.uk/Depts/DeafStudies>>. Acesso em 12 de abril de 2002.
Tradução própria.

TESKE, O. **Universidade para Surdos em Porto Alegre.**2002.Disponível em:
<<http://www.ulbra.com.br>>. Acesso em: 20 de outubro de 2002.

VIADER, F. **El niño sordo.**1996.Disponível em:<<http://www.sordos.com>>. Acesso em: 12 de Outubro de 2001.Tradução própria.

8– Lê rápido?

Sim ()

Não()

9– Gosta de comandar?

Sim ()

Não()

10– Gosta de tocar nas pessoas para chamar sua atenção?

Sim ()

Não()

11– Costuma andar quando tenta memorizar (decorar) algum texto?

Sim ()

Não()

12– É curioso?

Sim ()

Não()

13– Gosta de saber os detalhes de qualquer projeto?

Sim ()

Não()

14– Planeja antecipadamente o que quer fazer?

Sim ()

Não()

15– São detalhistas?

Sim ()

Não()

16– Não consegue se concentrar por muito tempo?

Sim ()

Não()

17– Tem dificuldade quando precisam realizar uma montagem?

Sim ()

Não()

18– Fala consigo mesmo quando estão trabalhando?

Sim ()

Não()

19– Gosta de musica?

Sim ()

Não()

20– Gosta de dançar?

Sim ()

Não()

Dentre as opções abaixo qual ou quais melhor explicam por que escolheu o curso que esta fazendo?

- () Aptidão
- () Oportunidade
- () Influência dos pais
- () Influência dos amigos
- () Depois de pesquisar em revistas , ou outro meio, foi o que mais se aproximou do que queria.
- (...)Outra opção. Qual?

Como classificaria seu relacionamento com os colegas no nível superior?

- () Bom
- () Ruim
- () Indiferente

APÊNDICE B ENTREVISTA

DESCREVA COMO VOCÊ É TRATADO PELOS SEUS PROFESSORES E PELOS COLEGAS, DENTRO DA SALA DE AULA.

Formulou-se perguntas de maneira informal ,para que pudesse conhecer a história de cada entrevistado. Desde suas preferências quando criança, relacionamento em sociedade, namorada, aspirações, pós-graduação, etc.

APÊNDICE C UNIVERSIDADES CONSULTADAS

1 – UFPr- Centro Politécnico-361-3000/ 361-3066/ 310-2602

Não obtive resposta.

2 – Centro de Estudos Superiores Positivo-2791451

Não possuem este controle.

3 – FAE- 310-3000

Não possuem este controle. Somente para vestibular.

4 – Faculdades Anchieta (FAESP)-346-4548

Não possuem este controle. Somente para vestibular.

5 – PUC Pr-330-1515

Não sabem informar.

6 – UNIANDRADE-219-4252

Não possuem um registro oficial, apenas sabem que não possuem alunos com deficiência auditiva. Fazem o registro somente para o vestibular.

7 – UTP-331-7700

A Universidade Tuiuti foi a única a fornecer alguma informação, trabalham em educação especial para surdos no primeiro grau, possuem um total de 150 alunos, não souberam dar o numero preciso de universitários surdos.

8 – FACINTER-0800-41-0044

Não possuem este controle.

9 – Universidade de Yoga-324-2666

Atendeu uma secretaria eletrônica.

10 – Cefet-Pr - 310-4545

Não possuem este controle. Somente para o vestibular.

ANEXO A AVISO CIRCULAR Nº 277/MEC/GM - BRASÍLIA, 08 DE MAIO DE 1996

Magnífico Reitor

A execução adequada de uma política educacional dirigida aos portadores de necessidades especiais possibilita que venham a alcançar níveis cada vez mais elevados do seu desenvolvimento acadêmico. É importante, por isto, registrar o esforço que as Instituições de Ensino Superior – IES empreendem no sentido de adequar-se, estruturalmente, para criar condições próprias, de forma a possibilitar o acesso desses alunos ao 3º grau.

Os levantamentos estatísticos no Brasil não têm contemplado o atendimento educacional aos portadores de deficiência, dificultando, assim, a exposição de dados número de alunos que concluem o 2º grau e o número daqueles que ingressaram no ensino superior.

É, no entanto, elevado o número de solicitações – tanto dos pais, dos alunos portadores de deficiência, quanto das próprias instituições de ensino superior – no sentido de que seja viabilizado o acesso desses candidatos ao 3º grau, razão pela qual o tema acesso e permanência do educando portador de deficiência na instituição de ensino superior está sendo objeto de estudos pela maioria das IES. A prática vem demonstrando que a operacionalização das estratégias já utilizadas necessitam de ajustes para que possam atender a todas as necessidades educativas apresentadas por esse alunado. Segundo análise dos especialistas, tais ajustes se fazem necessários em três momentos distintos do processo de seleção: - na elaboração do edital, para que possa expressar, com clareza, os recursos que poderão ser utilizados pelo vestibulando no momento da prova, bem como dos critérios de correção a serem adotados pela comissão do vestibular; no momento dos exames vestibulares, quando serão providenciadas salas especiais para cada tipo de deficiência e a forma adequada de obtenção de respostas pelo vestibulando; - no momento da correção das provas, quando será necessário considerar as diferenças específicas inerentes a cada portador de deficiência, para que o domínio do conhecimento seja aferido por meio de critérios compatíveis com as características especiais desses alunos. Transmito a Vossa Magnificência, para

conhecimento dessa Instituição, sugestões visando facilitar o acesso dos portadores de deficiência ao 3º grau, encaminhadas que foram a este Ministério:

- instalação de Bancas Especiais contendo, pelo menos, um especialista na área de deficiência do candidato;

- utilização de textos ampliados, lupas ou outros recursos ópticos especiais para as pessoas com visão subnormal/reduzida;

- utilização de recursos e equipamentos específicos para cegos: provas orais e/ou em Braille, sorobã, máquina de datilografia comum ou Perkins/Braille, DOS VOX adaptado ao computador.

- colocação de intérprete no caso de Língua de Sinais no processo de avaliação dos candidatos surdos;

- flexibilidade nos critérios de correção da redação e das provas discursivas dos candidatos portadores de deficiência auditiva, dando relevância ao aspecto semântico da mensagem sobre o aspecto formal e/ou adoção de outros mecanismos de avaliação da sua linguagem em substituição a prova de redação.

- adaptação de espaços físicos, mobiliário e equipamentos para candidatos portadores de deficiência física;

- utilização de provas orais ou uso de computadores e outros equipamentos pelo portador de deficiência física com comprometimento dos membros superiores; ampliação do tempo determinado para a execução das provas de acordo com o grau de comprometimento do candidato;

- criação de um mecanismo que identifique a deficiência da qual o candidato é portador, de forma que a comissão do vestibular possa adotar critérios de avaliação compatíveis com as características inerentes a essas pessoas. Por oportuno, espero que essa Instituição possa, ainda, desenvolver ações que possibilitem a flexibilização dos serviços educacionais e da infra-estrutura, bem como a capacitação de recursos humanos, de modo a melhor atender às necessidades especiais dos portadores de deficiência, possibilitando sua permanência, com sucesso o, em certos cursos.

Em anexo, encaminho cópia da Portaria nº 1793/94 e do documento “Sugestões de Estratégias”, como orientação ao trabalho dessa Instituição, referente à matéria. Estou certo, Senhor Reitor, do empenho de Vossa Magnificência no sentido de continuar oferecendo condições aos deficientes para que possam

enfrentar o vestibular com maior segurança. Assim, estaremos prestando mais um serviço educacional à comunidade.

Atenciosamente,

PAULO RENATO SOUZA

ANEXO B O SURDO E A LÍNGUA DE SINAIS

ANEXO 1

Proposta de Alteração do Projeto de Lei n. 131, de 1996, do Senado Federal

SENADO FEDERAL

PROJETO DE LEI DO SENADO

N. 131, de 1996

"Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências"

Redação Alternativa

O Congresso nacional decreta:

Art. 1º. Fica reconhecida, como meio legal de comunicação e expressão, a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS - e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Compreende-se como LIBRAS um sistema lingüístico de natureza visual - motora, com estrutura gramatical própria, oriunda de comunidades de pessoas surdas do Brasil. É a forma de expressão do surdo, sua língua natural.

Art. 2º. A LIBRAS deverá ser utilizada como meio de comunicação e de uso corrente das comunidades surdas na sociedade brasileira.

Art. 3º. A administração pública, direta e indireta, assegurará o atendimento ao surdo, em repartições públicas federais, estaduais, municipais e do Distrito Federal, bem como em serviços comunitários e eventos, mediante apoio de intérpretes da LIBRAS.

Art. 4º. A LIBRAS deverá ser incluída, como conteúdo obrigatório da disciplina Educação Especial, na área de surdez, nos cursos de formação inicial, formação

continuada e de especialização de professores, de forma a lhes propiciar condições de interação com alunos surdos.

I - Entendem-se por cursos de formação inicial de professor cursos de Magistério, em nível de 2º . e 3º . graus e/ou licenciaturas.

II - Entendem-se por cursos de formação continuada na área de surdez: habilitação em Deficientes da Áudio-Comunicação, Estudos Adicionais, bem como cursos de treinamento, de atualização e de aperfeiçoamento para professores e demais especialistas da área de surdez.

III - Entendem-se por cursos de especialização em Educação Especial, na área de Surdez , cursos promovidos pelas instituições de ensino superior, em nível de pós-graduação.

IV - Será assegurada , preferencialmente por meio de instituições de ensino superior, a formação de intérpretes da Língua Brasileira de Sinais / Língua Portuguesa.

Art. 5º . Recomenda-se a inclusão de temas sobre a LIBRAS nos conteúdos relativos à disciplina "Aspectos Éticos - Político -Educação da Normalização e Integração da Pessoa Portadora de Necessidades Especiais" nos cursos superiores de Fonoaudiologia, Letras e áreas afins.

Parágrafo único. Poderá ser incluída no Curso de Letras a habilitação em Língua Portuguesa/Língua Brasileira de Sinais.

Art. 6º . As instituições de ensino público deverão garantir, quando solicitadas, a presença e utilização da Língua Brasileira de Sinais, no processo ensino-aprendizagem, desde a Educação Infantil até os níveis mais elevados de sistema educacional.

Parágrafo único. A Língua Brasileira de Sinais não poderá substituir a modalidade escrita da Língua Portuguesa.

Art. 7º . Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 8º . Revogam-se as disposições em contrário.

JUSTIFICATIVA DAS ALTERAÇÕES PROPOSTAS

Em análise o Projeto de lei n. 131, de 1996, do Senado, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências.

O Projeto de Lei n. 131/96 concretiza uma antiga aspiração dos surdos brasileiros e se afina com os objetivos da Política Nacional da Educação Especial proposta pelo MEC.

Sugerimos, no entanto, as seguintes alterações:

No parágrafo único do Art. 1º. Em lugar de "meio de comunicação" consideramos mais apropriada a expressão "sistema lingüístico", pois meio de comunicação pode ser qualquer mecanismo não-lingüístico como, por exemplo, os vários códigos e signos sociais.

No Art. 2º, os termos "obrigatoriamente" e "objetiva" deverão ser suprimidos. O primeiro obrigaria todos os surdos brasileiros a usar a Língua Brasileira de Sinais, inclusive os surdos da comunidade indígena Urubu-Kaapor, não deixando opção para uma pessoa surda que não queira usar essa língua de sinais, isto é, que prefira aprender apenas a língua portuguesa, ou outra língua de sinais. Consideramos que, neste caso a lei deva beneficiá-los, e não os obrigar. Não se pode impor a alguém o uso ou não de determinada língua. O termo "objetiva", referente à comunicação, nos parece desnecessário.

No Art. 3º, foi suprimida a primeira ocorrência da expressão "Língua Brasileira de Sinais" uma vez que ela se repete no final do parágrafo. Substituímos a expressão "pelos profissionais intérpretes da língua de sinais", pela expressão "mediante o apoio de intérpretes da LIBRAS", a fim de evitar ambigüidades. Foi incluída, também, a expressão "e do Distrito Federal" ao se referir às repartições públicas.

Sugerimos a reformulação do Art. 4º. e seus parágrafos, objetivando torná-los mais abrangentes e apropriados.

Para viabilizar a implantação da LIBRAS nas instituições de ensino, sugerimos a inclusão de mais dois artigos.

ALTERAÇÃO PROPOSTA PARA A JUSTIFICATIVA

Uma língua define-se como um sistema abstrato de regras gramaticais, e constitui um dos veículos mais expressivos de comunicação e de interação entre pessoas e grupos, além de ser um instrumento intrínseco à transmissão e intercâmbio de idéias e de sentimentos. É considerada língua natural quando própria de uma comunidade de falantes que a têm como meio de comunicação, podendo ser naturalmente adquirida.

As línguas de sinais são sistemas abstratos de regras gramaticais, naturais a comunidades de indivíduos surdos dos países que as utilizam. Como todas as línguas utilizadas por comunidades ouvintes, não são universais, isto é, cada comunidade lingüística tem a sua própria língua.

No Brasil é possível constatar vários sistemas lingüísticos distintos, próprios e naturais das comunidades ouvintes deste País: línguas orais, como o português e várias línguas indígenas, por exemplo, a língua de sinais usada pelos surdos e a usada pela tribo Urubu-Kaapor.

CONCEITUAÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS

A Língua Brasileira de Sinais é reconhecida, cientificamente, como um sistema lingüístico de comunicação gestual-visual, com estrutura gramatical própria e oriunda das comunidades surdas do Brasil; uma língua natural formada por regras fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas; uma língua completa, com estrutura independente da Língua Portuguesa, que possibilita o desenvolvimento cognitivo do surdo favorecendo, seu acesso a conceitos e conhecimentos existentes; uma língua prioritária das comunidades surdas e de todos que se interessam por ela e dela necessitam, devendo ser incorporada ao acervo cultural da nação.

As comunidades surdas do Brasil vêm lutando para serem respeitadas, enquanto minoria lingüística, já que possuem uma língua própria, a Língua Brasileira de Sinais.

SITUAÇÃO ATUAL

As comunidades surdas brasileiras, enquanto minoria lingüística, reivindicaram o reconhecimento oficial da Língua Brasileira de Sinais como um direito de cidadania, considerando que:

- Não há comunicação efetiva entre surdos e ouvintes: os ouvintes não dominam a língua de sinais e os surdos não dominam a língua portuguesa quer na modalidade oral quer na escrita;

- Falta conhecimento da língua de sinais por ouvintes que a consideram uma pantomima e lhe dão um valor inferior como meio de comunicação;

- Na sociedade discrimina-se a língua de sinais, com a conseqüente geração de conflito nas famílias, entre profissionais e os surdos;

- A família e a escola precisam de considerar a importância da língua de sinais para o surdo como meio de acesso às informações existentes, permitindo-lhe interagir nas comunidades surdas e ouvintes;

- Há necessidade de se criar em mecanismos de divulgação, aquisição e aprendizagem da língua brasileira de sinais em todo o território nacional; esse processo já foi iniciado em algumas instituições de ensino. A comunidade acadêmica começa a se interessar pela língua de sinais;

- O surdo tem uma língua que não é reconhecida por seu país; urge, por isso a legalização da LIBRAS.

Quanto à justificação do projeto, temos, para a complementação de dados, as seguintes informações:

A língua de sinais é reconhecida como LÍNGUA em vários países da Europa (Inglaterra, Dinamarca, Suécia, Itália, Espanha), da América do Norte (Estados Unidos e Canadá) e da América do Sul (Argentina, Uruguai, Venezuela) e vêm sendo utilizada em seus sistemas de ensino.

No Brasil, muitas universidades, estabelecimentos de ensino e instituições já vêm desenvolvendo pesquisas e estudos sobre a LIBRAS, por exemplo:

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ

Universidade Estadual do Pernambuco - UEPE

Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC/RJ
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP
Pontifícia Universidade Católica de Rio Grande do Sul - PUC/RS
Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES/MEC/RJ
Federação Nacional para Educação e Integração do Surdo - FENEIS

ANEXO 2 RELAÇÃO DE PARTICIPANTES

Ana Claudia Balieiro Lodi
Fonoaudióloga
São Paulo - SP

André Ribeiro Reichert
Escola Especial de Concórdia
Porto Alegre - RS

Ângela Maria Sá Ferreira
Federação Nacional das Associações de Pais e Amigos dos Surdos -
FENAPAS
Fortaleza - CE

Annette Scotti Rabelo
Universidade Católica de Goiânia
Goiânia - GO

Antonio Campos de Abreu
Presidente Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos -
FENEIS
Belo Horizonte - MG

Daisy Maria Collet de Araújo Lima
Associação dos Pais e Amigos do Deficiente Auditivo - APADA

Brasília - DF

Daniela Richter Teixeira

Presidente da Federação Nacional das Associações de Pais e Amigos dos Surdos - FENAPAS

Brasília - DF

Emeli Marques Costa Leite

Instituto Nacional de Educação de Surdos-MEC

Rio de Janeiro - RJ

Eneida Lourdes Gaspareto

Universidade Federal de Santa Maria

Santa Maria - RS

Fernando de Miranda Valverde

Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos - FENEIS

Rio de Janeiro - RJ

Geralda Eutáquia Ferreira

Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos - FENEIS

Belo Horizonte MG

Gerson de Aguiar Loureiro

Escola de Reabilitação da Universidade Católica de Petrópolis - UCP

Petrópolis - RJ

Helena Maria Álvares de Campos Pinto

Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos - FENEIS

Brasília - DF

Josimeri Souza Araújo

Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência - FUNAD

João Pessoa - PB

Leni de Sá Duarte Barboza
Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES
Rio de Janeiro - RJ

Liliane Vieira Longman
Clínica Anne Sullivan
Recife - PE

Márcia Isabel Brochado Rech
Fundação de Atendimento ao Deficiente e Superdotado do Rio Grande do Sul
- CAEDA/FADERS
Porto Alegre - RS

Maria Cecília da Silva Santos
Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação -
DERDIC/PUC - SP
São Paulo - SP

Maria Cristina da Cunha Pereira
Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação -
DERDIC/PUC - SP
São Paulo - SP

Maria Marta Ferreira da Costa Ciccone
Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES - MEC
Rio de Janeiro - RJ

Marlene de Oliveira Gotti
Secretaria de Educação Especial
Ministério da Educação e do Desporto
Brasília - DF

Marlete de Mattos Souza

Associação dos Deficientes Auditivos do Maranhão - ADAMA

São Luiz - MA

Mirlene Ferreira Macedo Farias

Secretaria Municipal de Educação

Uberlândia - MG

Ricardo Ernani Sander

Escola Luterana São Mateus

Sapiranga - RS

Shirley Vilhalva

Centro Estadual de Atendimento ao Deficiente de Audiocomunicação -
CEADA

Campo Grande - MS

Silvana Patrícia de Vasconcelos

Federação Nacional das Associações de Pais e Amigos dos Surdos -
FENAPAS

Brasília - DF

Silvia Maria Fangueiro Pereira

Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES - MEC

Rio de Janeiro - RJ

Tanya Amara Felipe

Universidade Federal de Pernambuco

Recife - PE

Zigmund Leibovici

Federação Nacional das Associações de Pais e Amigos dos Surdos -
FENAPAS

Rio de Janeiro - RJ

Roberto Costa Araújo

Coordenador dos Trabalhos
Ministério da Educação e do Desporto - MEC

*INTERPRETES:

Débora de Abreu
Gláucia da Silveira
Lucimar Gomes

REPRESENTANTES DA COORDENADORIA NACIONAL PARA
INTEGRAÇÃO DA PESSOA PORTADORA DE DEFICIÊNCIA - CORDE

Maria de Lourdes Canziani
Coordenadora Nacional da CORDE

Tania Maria Silva de Almeida
Coordenadora Geral da CORDE

Alexandro Ferreira da Silva
Facilitador dos Trabalhos

ANEXO C RECOMENDAÇÕES AOS PROFESSORES REGENTES DAS CLASSES COMUNS.

Cabe, diretamente, aos professores da escola regular, em particular aos professores de Língua Portuguesa das classes comuns com alunos surdos integrados:

- utilizar vocabulário e comandos simples e claros nos exercícios;
- não modificar o vocabulário, os comandos, as instruções, as questões, somente na hora das avaliações;
- dar-lhes oportunidades para ler, escrever no quadro, levar recado para outros professores, como os demais colegas;
- ficar atento para que participem das atividades extra-classe;
- lembrar-se de que apesar de "ler" (ver o significante, a letra), os alunos surdos muitas vezes não sabem o significado daquilo que leram. Muitos possuem o chamado analfabetismo funcional;
- utilizar vocabulário alternativo quando eles não entenderem o que estão lendo. "Traduza", troque, simplifique a forma da mensagem;
- resumir, sempre, o assunto (o conteúdo dado) no quadro de giz, com os dados essenciais, em frases curtas;
- prestar atenção ao utilizar a linguagem figurada e as gírias porque precisará explicar-lhes o significado;
- lembrar-se que a Língua Portuguesa apresenta-se para ele como uma língua estrangeira;
- ter cuidado com a utilização de sinônimos (explique-os para os alunos);
- destacar o verbo das frases, ensinando-lhes o significado, para que os alunos surdos possam entender as instruções e executá-las;
- sentar-se ao lado deles, decodificando com eles a mensagem de uma frase, de um texto, utilizando materiais concretos e dicionário;
- ler a frase ou a redação dos alunos junto com eles, para que possam complementar com sinais, dramatizações, mímicas, sinais e desenhos etc, o pensamento mal expresso; enviar, com antecedência, para o professor de apoio da educação especial (escola especial/itinerante/sala de recursos): o conteúdo a ser

desenvolvido a cada semana, o texto a ser interpretado; o tema da redação a ser elaborada.

Solicitar a presença do professor de apoio da educação especial em sua classe quando precisar de ajuda; procurar sempre obter informações atualizadas sobre a educação de surdos e o ensino de sua disciplina em particular.

ANEXO D APROXIMAÇÃO AO CONCEITO DE CSCL

A aprendizagem colaborativa assistida por computador (CSCL - Computer Supported Collaborative Learning) pode ser definida como uma estratégia educativa em que dois ou mais sujeitos constroem o seu conhecimento através da discussão, da reflexão e tomada de decisões, e onde os recursos informáticos atuam (entre outros.) como mediadores do processo de ensino-aprendizagem.

A CSCL cresceu em torno de um vasto leque de investigações sobre trabalho colaborativo assistido por computador (CSCW - Computer Supported Collaborative Work). CSCW é definido com um sistema de redes de computadores que suporta grupos de trabalho com tarefas comuns, fornecendo um interface que possibilita a realização de trabalho em conjunto. Aprendizagem colaborativa é basicamente definida como um processo educativo em que grupos de alunos trabalham em conjunto tendo em vista uma finalidade comum.

Principais diferenças entre CSCW e CSCL- ambas se baseiam na promessa de que os sistemas computacionais podem suportar e facilitar os processos e as dinâmicas de grupo, nomeadamente quando os utilizadores destes sistemas se encontram em locais diferentes, tendo em consideração, no entanto, que não foram concebidos para substituir na totalidade a comunicação presencial.

Os sistemas tradicionais de CSCW e CSCL foram talhados para serem utilizados por múltiplos alunos trabalhando numa mesma estação de trabalho, ou através de computadores ligados em rede. Estes sistemas suportam transferência de idéias e informação, acesso a informação e documentos, emissão de respostas em atividades de resolução de problemas. A investigação atual neste domínio abrange não somente as técnicas de groupware (tecnologia usada para agrupar as pessoas), mas também os seus aspectos sociais, psicológicos, organizacionais e de aprendizagem. O objeto principal é a aprendizagem, a aprendizagem especificamente colaborativa, e como pode ser suportada pelo computador. O computador é visto como um recurso para a aprendizagem colaborativa. O computador ajuda os alunos a comunicar e a colaborar em atividades comuns, fornecendo também um prestimoso auxílio nos processos de coordenação e organização de atividades. Este papel de mediador, enfatiza as possibilidades de

usar o computador não somente como uma ferramenta individual, mas como um media com o qual e através do qual os indivíduos e os grupos podem colaborar uns com os outros.

Mais informação sobre este tópico:

CSCL Home Page

Conferências sobre CSCL; publicações on-line.

URL: <http://www.cica.indiana.edu/cscl95/>

CSCL ' 99 Conference Connecting learning communities globally

Comunicações proferidas neste Congresso.

URL: <http://sll.stanford.edu/CSCL99/>

Computer-Supported Collaborative Learning Environments

Curso sobre CSCL

Atividades, Conteúdos e desenvolvimento do curso, recursos, ferramentas, etc.

URL: <http://www.edb.utexas.edu/cscl98/>

Recursos de CSCW & de Groupware

Artigos, conferências, livros, periódicos, tipos e ferramentas de groupware, estudos, investigação, grupos de interesse, empresas, etc.

URL: <http://www.usabilityfirst.com/cscw.html>

Aprendizagem colaborativa

A aprendizagem colaborativa pode definir-se como um conjunto de métodos e técnicas de aprendizagem para utilização em grupos estruturados, assim como de estratégias de desenvolvimento de competências mistas (aprendizagem e desenvolvimento pessoal e social), onde cada membro do grupo é responsável, quer pela sua aprendizagem quer pela aprendizagem dos restantes elementos.

A aprendizagem colaborativa destaca a participação ativa e a interação, tanto dos alunos como dos professores. O conhecimento é visto como um construtor social e, por isso, o processo educativo é favorecido pela participação social em ambientes que propiciem a interação, a colaboração e a avaliação. Pretende-se que os ambientes de aprendizagem colaborativos sejam ricos em possibilidades e propiciem o crescimento do grupo.

Elementos básicos da aprendizagem colaborativa

Interdependência do grupo: Os alunos, como um grupo, têm um objetivo a prosseguir e devem trabalhar eficazmente em conjunto para o alcançar. Primeiro, os alunos são responsáveis pela sua própria aprendizagem. Segundo, por facilitar a aprendizagem de todos os membros do grupo. Terceiro, por facilitar a aprendizagem de aluno de outros grupos. Todos os alunos interagem e todos contribuem para o êxito da atividade.

Interação: Um dos objetivos da aprendizagem colaborativa é o de melhorar a competência dos alunos para trabalhar em equipe.

Cada membro do grupo deve assumir integralmente a sua tarefa e disponibilizar de espaço e tempo para a partilhar com o grupo e, por sua vez, receber as suas contribuições. A vivência do grupo deve permitir o desenvolvimento de competências pessoais e, de igual modo, o desenvolvimento de competência de grupo como: participação, coordenação, acompanhamento, avaliação. Periodicamente deve ser realizada uma avaliação da funcionalidade do grupo, a fim de se conhecer o seu processo de desenvolvimento.

Pensamento divergente: Não deve haver nenhum elemento do grupo que se posicione ostensivamente como líder ou como elemento mais "esperto", mas uma tomada de consciência que todos podem pôr em comum as suas perspectivas, competências e base de conhecimentos. As atividades devem ser elaboradas de modo que exijam colaboração em vez de competição (tarefas complexas e com necessidade de pensamento divergente e criativo).

Avaliação: Os métodos para a avaliação independente são baseados em jogos de perguntas, exercícios, observações da interação do grupo e heteroavaliação.

Vantagens da aprendizagem colaborativa

Dinâmica do grupo: possibilita alcançar objetivos qualitativamente mais ricos em conteúdo, na medida em que reúne propostas e soluções de vários alunos do grupo; os grupos estão baseados na interdependência positiva entre os alunos, o que requer que cada um se responsabilize mais pela sua própria aprendizagem e pela aprendizagem dos outros elementos do grupo (aprender partilhando permite que os alunos se integrem na discussão e tomem consciência da sua responsabilidade no processo de aprendizagem); incentiva os alunos a aprender entre eles, a valorizar os conhecimentos dos outros e a tirar partido das experiências de aprendizagem de cada um; maior aproximação entre os alunos e uma maior troca ativa de idéias no seio dos grupos, faz aumentar o interesse e o compromisso entre eles; transforma a aprendizagem numa atividade eminentemente social; aumenta a satisfação pelo próprio trabalho.

Nível pessoal: aumenta as competências sociais, de interação e comunicação efetivas; incentiva o desenvolvimento do pensamento crítico e a abertura mental; permite conhecer diferentes temas e adquirir nova informação; reforça a idéia que cada aluno é um professor (a aprendizagem emerge do diálogo ativo entre professores alunos); diminui os sentimento de isolamento e de temor à crítica; aumenta a segurança em si mesmo, a auto estima e a integração no grupo; fortalece o sentimento de solidariedade e respeito mútuo, baseado nos resultados do trabalho em grupo.

Mais informação sobre este tópico:

Proyectos Colaborativos en el Web

Mateiras de formação

Programa World Links for Development (WorLD)

Projetos colaborativos na educação; trabalho colaborativo no espaço Web; exemplos de projetos educativos colaborativos na Web. URL:

http://www.worldbank.org/worldlinks/spanish/training/MODULOS_html/MOD_3/Modulo_3.html

IASCE- International Association for the study of cooperation in education- Associação educativa internacional dedicada ao estudo e à prática da cooperação na aprendizagem, um campo que incluiu métodos cooperativos de sala de aula para que os alunos em equipes de aprendizagem atinjam objetivos acadêmicos e desenvolvam habilidades colaborativas. Envolve também os professores que trabalham juntos na formação e na preparação de materiais curriculares tendo em vista melhorar a qualidade física, social, e intelectual das suas escolas.

URL: <http://miavx1.muohio.edu/~iascecwis/>

Livros sobre colaboração, cooperação e aprendizagem ativa URL:

<http://www.chass.ncsu.edu/ccstm/PUBS/Biblio/books.h>